

# GUIA DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE



MINISTÉRIO DA SAÚDE

*Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa*

*Departamento de Apoio à Gestão Participativa*

*Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e à Mobilização Social*

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

*Presidente*

*Paulo Ernani Gadelha Vieira*

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE

JOAQUIM VENÂNCIO

*Diretor*

*Paulo César de Castro Ribeiro*

*Vice-diretor de Gestão e Desenvolvimento Institucional*

*José Orbílio de Souza Abreu*

*Vice-diretora de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico*

*Marcela Pronko*

*Vice-diretora de Ensino e Informação*

*Páulea Zaquini Monteiro Lima*

# GUIA DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

## ORGANIZAÇÃO

Vera Joana Bornstein

Ângela Alencar

Bianca Borges da Silva Leandro

Etel Matiello

Grasiele Nespoli

Irene Leonore Goldschmidt

José Mauro da Conceição Pinto

Júlio Alberto Wong Un

Marcelo Princeswal

Marcio Sacramento de Oliveira

Oswaldo Peralta Bonetti

Ronaldo Travassos

Tereza Cristina Ramos Paiva

Thayna Trindade

Rio de Janeiro

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

2016



Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa  
Departamento de Apoio à Gestão Participativa



MINISTÉRIO DA  
SAÚDE



## Revisão

Paula Caldeira  
Lisa Stuart

## Diagramação

José Luiz Fonseca

## Ilustração

Milla Scramignon

## Conselho de Política Editorial

André Vianna (coordenador)  
Bianca Cortes  
Carla Martins  
Cátia Corrêa Guimarães  
Grasiele Nespoli  
José Roberto Franco Reis  
Luiz Maurício Baldaci  
Márcia Teixeira  
Ramón Peña Castro  
José dos Santos Souza  
Vânia Motta

## Colaboradores

Aglaides Arichele Leal de Queirós  
Amanda Nathele Soares  
Ana Lucia Maciel  
Andrey Roosevelt Chagas Lemos  
Anna Lúcia Leandro de Antônia Abreu  
Antônio Purificação  
Antônio Vladimir Felix da Silva

Arnaldo Marcalmo

Carlos Eduardo Colpo Batistella

Célia Regina das Neves Favacho

Celso de Moraes Vergne

Claudia Vilela de Souza Lange

Claudia Spinola Leal Costa

Claudiana Miranda Cordeiro

Cynthia Dias

Danielle Costa Silveira

Denise Rinehart

Eymard Vasconcelos

Frederico Peres

Geisa Cristina Nogueira Plácido dos Santos

Gert Ferreira Wimmer

Gildecil Alvez da Lira

Gilvano da Silva Quadros

Giselle de Almeida Costa

Gisele Luiza Apolinário Malheiros

Gislei Siqueira Kinerim

Gláucia Antônia

Helena Maria Scherlowski Leal David

Hozana Passos

Ingrid D'avilla Freire Pereira

Jaqueline Evedino da Silva Oliveira

João dos Santos Lima Júnior

Josefa Maria de Jesus

José Geraldo Martins

José Ivo Pedrosa

Juliana Costa Cunha

Julimar de F. Barros e Barros

Jólio Cesar Caruzzo

Katia Machado

Katia Souto  
Lavínia Aragão Trigo de Loureiro  
Leonardo Moraes Maguela  
Lilian Paula Santos do Nascimento  
Ludmila Brito e Melo Rocha  
Marcelo Silva da Paixão  
Marcia Cavalcanti Raposo Lopes  
Marcia Mulin Firmino da Silva  
Marcio José Villard de Aguiar  
Marco Carneiro Menezes  
Marcondes José Pacheco Barbosa  
Maria Ester Souza Marinho  
Maria da Glória Campos da Silva  
Maria de Fátima Marques  
Maria Rocineide Ferreira  
Maria Waldenez de Oliveira  
Mariana Lima Nogueira  
Marta Gomes da Fonseca Ribeiro  
Neuza Viana Castanha  
Noemi Margarida  
Páulea Zaquini Monteiro Lima  
Paulette Cavalcanti de Albuquerque  
Paulo Dantas  
Pedro José Santos Carneiro Cruz  
Rafael Gonçalves de Santana Silva

Raimundo Lima  
Rebecca Moraes  
Renata Pekelman  
Ricardo Chaves de Carvalho  
Roberta Gomes  
Rocineide Ferreira  
Rosana Mira Nunes Limeira  
Salette Valesan  
Sandra Jardeni Moita de Aguiar  
Simone Maria Leite Batista  
Sílvia Cristina Viana Silva Lima  
Sílvia Maria Costa Amorim  
Sílvia Maria Medeiros Bonfim Silva  
Suely Correia de Oliveira  
Tarcisio Pereira de Souza  
Thayza Miranda Pereira  
Teresa Ramos Souza  
Tiago Machado Carneiro  
Tiago Parada Costa Silva  
Tulio Correia de Souza e Souza  
Ubiraci Matildes de Jesus  
Vanderleia Pulga  
Vera Lúcia de Azevedo Dantas  
Virginia da Silva Correa

Copyright © 2016 dos autores  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fundação Oswaldo Cruz

Catálogo na fonte  
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio  
Biblioteca Emília Bustamante

---

G943      Guia do Curso de Aperfeiçoamento em Educação  
              Popular em Saúde / Organização de Vera Joana  
              Bornstein... [et al.]. – Rio de Janeiro: EPSJV, 2016.

72 p. : il.

ISBN: 978-85-98768-87-8

1. Educação Popular. 2. Direito a Saúde. 3.  
Saúde Pública. 4. Movimentos Sociais. I.  
Bornstein, Vera Joana et al.

CDD 370.115

---

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz  
Av. Brasil, 4.365  
21040-360 – Manguinhos  
Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (21) 3865-9797  
[www.epsjv.fiocruz.br](http://www.epsjv.fiocruz.br)

Nada a temer  
Senão o correr da luta  
Nada a fazer  
Senão esquecer o medo  
Abrir o peito à força  
Numa procura  
Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai sonhando demais  
Mas onde se chega assim  
Vou descobrir o que me faz sentir  
Eu, caçador de mim

***Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá***





# Sumário

Apresentação.....	13
Orientações gerais sobre a metodologia do curso.....	15
<b>EIXO I: A construção da gestão participativa e a experiência como fio condutor do processo educativo.....</b>	<b>17</b>
<b>1º ENCONTRO.....</b>	<b>19</b>
1. Apresentação dos educandos e de suas expectativas em relação ao curso.....	19
2. Carta de expectativas.....	19
3. Reflexão sobre a proposta pedagógica do curso EdPopSUS.....	20
4. Construção de pactos de organização da turma.....	20
5. Trabalho de Campo 1: Problematização das experiências.....	20
<b>2º ENCONTRO.....</b>	<b>21</b>
6. Apresentação do Trabalho de Campo 1.....	21
7. Reflexão sobre a identidade de classe dos trabalhadores da saúde.....	22
8. Trabalho de Campo 2: As experiências educativas.....	23
<b>EIXO II: A educação popular no processo de trabalho em saúde.....</b>	<b>25</b>
<b>3º ENCONTRO.....</b>	<b>26</b>
9. Apresentação do Trabalho de Campo 2.....	26
10. A educação popular em saúde como possibilidade teórico-metodológica no processo de trabalho em saúde.....	27
11. Trabalho de Campo 3: O trabalho à luz da educação popular em saúde.....	27

4° ENCONTRO.....	28
12. Apresentação do Trabalho de Campo 3.....	28
13. Os princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (Pneps-SUS) e sua relação com o trabalho em saúde.....	28
14. Trabalho de Campo 4: O círculo de cultura como método participativo.....	28
EIXO III: O direito à saúde e a promoção da equidade.....	31
5° ENCONTRO.....	33
15. Apresentação do Trabalho de Campo 4.....	33
16. Direito à saúde e promoção da equidade no SUS.....	33
17. Trabalho de Campo 5: Estratégias de promoção da equidade.....	34
6° ENCONTRO.....	35
18. Apresentação do Trabalho de Campo 5.....	35
19. A dimensão cultural na educação popular em saúde.....	35
20. Trabalho de Campo 6: A diversidade cultural nos territórios.....	36
7° ENCONTRO.....	36
21. Apresentação do Trabalho de Campo 6.....	36
22. Avaliação parcial e sistematização da trajetória do curso.....	36
EIXO IV: Território, lugar de história e memória.....	39
8° ENCONTRO.....	41
23. A dimensão histórica da cultura.....	41
24. Problematização da noção de território.....	42
25. Apresentação do filme "Narradores de Javé".....	42
26. Trabalho de Campo 7: Memória e território.....	43

9° ENCONTRO.....	44
27. Apresentação do Trabalho de Campo 7.....	44
28. A construção da história da saúde.....	44
29. Trabalho de Campo 8: As lutas populares no território.....	44
EIXO V: Participação social e participação popular no processo de democratização do Estado.....	47
10° ENCONTRO.....	50
30. A opressão nossa de cada dia.....	50
31. Apresentação do Trabalho de Campo 8.....	51
32. Participação social e participação popular.....	51
33. Trabalho de Campo 9: O poder de convencimento dos meios de comu- nicação.....	52
11° ENCONTRO.....	55
34. Apresentação do Trabalho de Campo 9.....	55
35. Os meios de comunicação e a educação popular.....	56
12° ENCONTRO.....	57
36. Reflexão sobre as noções de Estado e democracia.....	57
37. A luta em defesa do SUS.....	58
38. Trabalho de Campo 10: Os problemas de saúde nos territórios.....	58
EIXO VI: O território, o processo saúde-doença e as práticas de cuidado.....	59
13° ENCONTRO.....	62
39. Apresentação do Trabalho de Campo 10.....	62
40. Reflexão sobre a determinação social do processo saúde-doença.....	63

14° ENCONTRO.....	64
41. Autonomia e cuidado.....	64
42. Concepções e práticas de cuidado em saúde.....	65
43. Trabalho de Campo 11: O cuidado no território.....	66
15° ENCONTRO.....	66
44. Apresentação do Trabalho de Campo 11.....	66
45. Oficina de cuidado.....	66
46. Trabalho de Campo 12: Carta sobre a experiência do curso.....	66
16° ENCONTRO.....	67
47. Apresentação do Trabalho de Campo 12 e avaliação do curso.....	67
48. Preparação da mostra de experiências do EdPopSUS.....	67
17° ENCONTRO.....	68
49. Encerramento: Mostra de experiências do EdPopSUS.....	68
 Referências bibliográficas.....	 69

## Apresentação

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem  
de repente aprende.

**Guimarães Rosa**

Este material didático é parte integrante do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS), promovido pela Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde e coordenado em parceria com a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz).

A educação popular possui uma importância histórica e estratégica para a construção do direito à saúde. Fundamentada, principalmente, no pensamento do educador Paulo Freire, a educação popular é uma prática contrária às formas de dominação, opressão, discriminação e violência que incidem sobre as pessoas em geral e sobre a classe trabalhadora em particular. Constitui-se, como Paulo Freire afirma no livro *Política e educação*, como um “nadar contra a correnteza” que “jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade” (2001, p. 49). Inspiradas nessa perspectiva, desde a década de 1960, muitas experiências no campo da saúde pública têm promovido práticas educativas comprometidas com a transformação democrática da realidade e com a superação das injustiças sociais, como Paulo Freire preconizava. Tais práticas enriqueceram e enriquecem o trabalho na saúde, no sentido não apenas de valorizar a participação popular, o controle social e a diversidade de formas de vida, mas também de organizar a luta política pelo direito à saúde.

Depois de anos de experiências e de muito debate sobre a importância de dar visibilidade e de potencializar as práticas de educação popular, em 2013 foi instituída a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (Pneps-SUS). Foi definido como um dos eixos estratégicos para a implementação da Pneps-SUS a “formação, comunicação e produção de conhecimento”, que

[...] compreende a ressignificação e a criação de práticas que oportunizem a formação de trabalhadores e atores sociais em saúde na perspectiva da educação popular, a produção de novos conhecimentos e a sistematização de saberes com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, produzindo ações comunicativas, conhecimentos e estratégias para o enfrentamento dos desafios ainda presentes no SUS. (Brasil, 2013)

Assim, surgiu a proposta de realização do EdPopSUS, no âmbito do Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde, que se configurou como uma das estratégias prioritárias do plano

operativo da Pneps, direcionado, sobretudo, à formação de agentes comunitários de saúde (ACSs) e agentes de vigilância em saúde (AVSs).<sup>1</sup>

Na sua primeira edição, o EdPopSUS foi organizado com 53 horas de duração e envolveu 9 unidades da federação (Bahia, Ceará, Distrito Federal, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sergipe). Chegou-se a aproximadamente 19 mil trabalhadores inscritos. A experiência positiva do curso indicou a importância de sua continuidade e aprofundamento. Nesta segunda edição a carga horária foi ampliada para 160 horas, o número de unidades da federação envolvidas passou a ser de 13 (Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sergipe) e a expectativa é de ofertar 7 mil vagas. O curso continua, prioritariamente, voltado para ACSs e AVSs, e aberto à participação de qualquer trabalhador e/ou militante de movimentos sociais que deseje qualificar sua prática e colaborar com a produção de conhecimentos no campo da saúde.

O currículo do curso foi organizado coletivamente em oficinas que contaram com a presença de lideranças dos coletivos de educação popular em saúde, representantes de escolas técnicas do SUS, de movimentos sociais e participantes da primeira edição do curso. Depois de discutidos temas, conteúdos e atividades, chegamos a uma proposta de organização em seis eixos temáticos divididos em momentos presenciais e trabalhos de campo, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Eixos temáticos e distribuição da carga horária do curso

Eixos Temáticos	Presencial	Trabalho de Campo	Total
Eixo I: A construção da gestão participativa e a experiência como fio condutor do processo educativo	16h	4h	20h
Eixo II: A educação popular no processo de trabalho em saúde	16h	4h	20h
Eixo III: O direito à saúde e a promoção da equidade	24h	4h	28h
Eixo IV: Território, lugar de história e memória	16h	4h	20h
Eixo V: Participação social e participação popular no processo de democratização do Estado	24h	4h	28h
Eixo VI: O território, o processo saúde-doença e as práticas de cuidado	32h	4h	36h
Encerramento	8h	-	8h
<b>Carga Horária Total do Curso</b>	<b>136h</b>	<b>24h</b>	<b>160h</b>

A realização do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde busca favorecer a atuação de trabalhadores e militantes de movimentos sociais na defesa do direito à saúde da população e no fortalecimento da participação social nos processos de formulação, implantação, gestão e controle

<sup>1</sup> Atualmente, existe uma enorme quantidade de nomenclatura para designar esse profissional: agente de endemias, guarda de endemias, agente de controle de endemias, guarda sanitário, agente de saneamento, entre outros. Neste curso, esses profissionais serão nomeados como agentes de vigilância em saúde (AVSs).



social das políticas públicas. O curso surge em um contexto político que visa promover a inserção de segmentos da população historicamente excluídos das tomadas de decisão na saúde pública brasileira, contribuindo para a compreensão da importância de nossa atuação profissional na construção de uma sociedade mais justa e equânime. A problematização das experiências dos sujeitos é, de uma maneira geral, o ponto de partida para a construção de uma visão crítica sobre a realidade e, ao mesmo tempo, uma forma de aproximação das vivências e saberes populares.

Além do presente Guia, o material didático deste curso é constituído por um livro de Textos de Apoio, que organiza e disponibiliza o conteúdo considerado fundamental para o seu desenvolvimento.

Esperamos que o material educativo do curso possibilite um caminho comum nas diversas experiências que acontecerão. Acreditamos que o fundamental nesse processo é ter o compromisso com uma formação crítica, que considere as experiências dos participantes e que compreenda a importância de determinados temas e conteúdos para problematizar as práticas e refletir sobre a realidade, principalmente sobre o que precisamos fazer para alterá-la e construir um mundo justo e saudável.

Sejam bem-vindos, educadores e educandos! Desejamos a todos um bom trabalho e uma trajetória formativa proveitosa.

## Orientações gerais sobre a metodologia do curso

A educação popular parte do princípio de que todo ser humano é detentor de saberes e de que os saberes derivam das experiências de vida. Isso significa que os saberes são tão diversos quanto as trajetórias de vida, que envolvem as experiências familiares, comunitárias, escolares e aquelas relativas ao mundo do trabalho. Somos, todos nós, educadores e educandos, sujeitos ricos de história. Considerando isso, a principal ideia é que o Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde construa sua base teórica a partir das vivências e reflexões sobre as experiências dos sujeitos, em diálogo com os saberes já sistematizados sobre os temas que serão abordados.

O curso fundamenta-se em uma metodologia participativa, na qual os temas devem ser debatidos e consolidados durante todo o percurso, entre educadores e educandos, possibilitando um processo mútuo e dialógico de produção de saberes, com base na problematização da realidade vivenciada pelos participantes no contexto do SUS. Sendo assim, o próprio curso deverá ser um espaço para vivenciar a educação popular e uma experiência de gestão compartilhada entre educandos e educadores.

A proposta deste Guia é ser um fio condutor do curso, com orientações sobre os temas, objetivos e atividades pedagógicas de cada eixo. Para subsidiar a realização das atividades pedagógicas foi elaborado um livro com Textos de Apoio, que apresenta os conteúdos considerados fundamentais no âmbito da educação popular em saúde. Também buscamos indicar no Guia textos e outros recursos complementares (como vídeos, entrevistas, filmes, *sites*) que possam ajudar a aprofundar os temas e fundamentar as reflexões.

Para organizar o caminho, os eixos foram divididos em turnos de oito horas, denominados de Encontros, ordenados de forma crescente ao longo do Guia. Além disso, apresentamos um conjunto de atividades para serem realizadas na sala de aula ou como trabalho de campo. As atividades foram pensadas no sentido de criar provocações iniciais que possam nos conduzir aonde queremos chegar. Nesse sentido, priorizamos como método a realização de trabalhos coletivos e, por isso, sugerimos que os grupos sejam compostos por até seis participantes, a fim de garantir espaço e tempo para a participação de todos e, sempre que possível, o debate em plenária.

Outros recursos auxiliares para a realização do curso são: o Sistema de Gestão Acadêmica (SGA\_EDPOPSUS) e o *site*.

O SGA\_EDPOPSUS foi desenvolvido para atender as necessidades do curso. O sistema permite o controle das informações desde a seleção, inscrição e todo o acompanhamento da vida escolar dos educandos, até sua conclusão e certificação, incluindo o lançamento de notas e o cadastramento de educadores. Seu uso será *on-line*, permitindo a descentralização do registro das ações educativas que ocorrerão em vários estados do Brasil. Com isso, todas as informações serão registradas e poderão ser gerenciadas pela Secretaria Escolar da EPSJV, oferecendo maior segurança para os educandos e para a unidade certificadora. A inscrição *on-line*, o lançamento de frequências e notas diretamente no sistema e o envio de documentos digitalizados para a secretaria escolar evitam também o uso desnecessário de papel. As folhas de frequência poderão ser impressas em locais onde a internet não esteja disponibilizada para todos os educadores. Os registros referentes aos educandos e educadores serão da responsabilidade dos estados e dos municípios, cabendo à EPSJV seu gerenciamento e acompanhamento. Para a sistematização das experiências do curso, os educadores terão acesso a um Diário de Encontros, disponível no SGA\_EDPOPSUS, no qual deverão descrever, analisar e avaliar o trabalho realizado.

Outro recurso importante é o *site* (<http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/>), espaço para divulgação das informações públicas sobre o curso, cujo público-alvo são todos os envolvidos na sua realização. O *site* possui uma apresentação geral, incluindo a estrutura organizacional e os contatos das coordenações. Dados sobre o processo seletivo serão gradualmente divulgados, incluindo os editais e os resultados da seleção de educadores e educandos, além da listagem das turmas e os locais de realização das aulas. Da mesma forma, notícias relacionadas ao curso serão apresentadas durante o seu desenrolar. Na seção de material didático será disponibilizado o material oficial do curso, além de bibliografias complementares e vídeos sugeridos para enriquecerem a experiência pedagógica.

Cada turma do curso será composta por aproximadamente 35 educandos e dois educadores populares, que serão responsáveis pela condução do processo educativo. Estes dois educadores contarão com uma estrutura de acompanhamento e apoio, constituída pelos núcleos estaduais, pela equipe de coordenação nacional e pelos apoiadores nacionais.

Desejamos uma boa experiência para todos e ressaltamos a importância do diálogo neste processo formativo. Este Guia não traz uma “receita de bolo”, nem um rol de atividades a serem obrigatoriamente realizadas. Trata-se de exemplos de atividades coletivas que colocamos à disposição de vocês. O caminho se faz ao caminhar, por isso, esse Guia organiza um roteiro que pode sofrer alterações diante de imprevistos, dificuldades, necessidade de melhorias e outros motivos relativos à experiência de cada turma. Propomos um caminho e, mesmo que numa primeira impressão ele se apresente reto, curvas, subidas, descidas, cores, objetos e seres animados podem ser acrescentados.



## EIXO I

A construção da gestão participativa e a experiência como fio condutor do processo educativo

A vida tem duas faces:  
Positiva e negativa  
O passado foi duro  
mas deixou o seu legado  
Saber viver é a grande sabedoria  
Que eu possa dignificar  
Minha condição de mulher,  
Aceitar suas limitações  
E me fazer pedra de segurança  
dos valores que vão desmoronando.  
Nasci em tempos rudes  
Aceitei contradições  
lutas e pedras  
como lições de vida  
e delas me sirvo  
Aprendi a viver.

***Cora Coralina***

Iniciaremos nossa trajetória refletindo sobre dois temas fundamentais que estão no título deste primeiro eixo: a gestão do curso e a experiência como fio condutor do processo formativo. Se quisermos propiciar uma reflexão crítica sobre nossa realidade, para nos organizarmos coletivamente, para transformá-la e para termos maior autonomia nas decisões sobre nossas vidas, precisamos começar a exercitar essas questões no próprio curso. Além disso, se nosso objetivo é apresentar a educação popular, precisamos buscar coerência nessa perspectiva e considerar as experiências dos sujeitos como dimensão fundamental para a construção do processo formativo.

Propomos então para o Eixo I os seguintes objetivos iniciais:

- Dialogar sobre a proposta metodológica do curso;
- Incentivar o protagonismo dos educandos na gestão compartilhada do processo, por meio da construção e do acompanhamento de pactos de convivência e de trabalho ao longo do curso;
- Discutir sobre a identidade de classe dos trabalhadores e demais atores que compõem a turma;
- Reforçar a importância da sistematização de experiências em processos educativos;
- Problematizar as experiências educativas dos educandos.

Esperamos que, ao longo do Eixo I, o processo educativo contribua para que bons vínculos sejam construídos, fortalecendo assim a caminhada coletiva.



## 1º ENCONTRO

### 1. Apresentação dos educandos e de suas expectativas em relação ao curso

Como o curso é aberto a trabalhadores e militantes da saúde, as turmas serão formadas por pessoas que seguiram diferentes trajetórias profissionais. Precisamos de antemão conhecer o coletivo que formará cada turma. Por isso, propomos uma primeira atividade de integração entre os participantes, a fim de aproximá-los do processo que está sendo iniciado. Podemos desenvolver a apresentação de diferentes maneiras e os educadores podem escolher a dinâmica de sua preferência.

Nesse primeiro momento é importante que os educadores solicitem a contribuição dos educandos para fazer uma dinâmica de apresentação a partir das suas vivências, como forma de criar um ambiente de integração do grupo. Além de fazer dos encontros um momento de escuta e de troca de experiências, educandos e educadores estarão preparados para criar o pacto de convivência.

### 2. Carta de expectativas

Ao final das apresentações, independentemente da dinâmica desenvolvida, os participantes devem elaborar uma carta para o gestor da unidade de saúde, para um amigo ou o educador, contando suas expectativas em relação ao curso. A proposta da carta é garantir o registro individual daquilo que os educandos esperam do processo. As cartas devem ser guardadas para serem retomadas ao final do curso.



### 3. Reflexão sobre a proposta pedagógica do curso EdPopSUS

Como mencionamos nas orientações metodológicas, consideramos importante que a base teórica do curso seja construída a partir das vivências e reflexões dos educandos. A fim de refletir sobre a nossa proposta pedagógica, sugerimos partir das expectativas dos educandos para, posteriormente, debater o texto que contém os princípios pedagógicos do curso.

É importante que logo no início os participantes compreendam os princípios pedagógicos do EdPopSUS. Nesse sentido, foi elaborado o texto **1.1 Princípios pedagógicos do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde**, disponível no livro Textos de Apoio. Uma exposição dialogada poderá ser feita pelos educadores, com base no conteúdo do texto e nas expectativas dos educandos. Ao final os educadores e educandos poderão confeccionar um mural, destacando a síntese do debate.

### 4. Construção de pactos de organização da turma

Essa atividade objetiva discutir questões sobre a organização da turma como, por exemplo, horários, formas de comunicação, estratégias de transporte, alimentação, dinâmicas de acolhimento, atividades culturais, grupos de trabalho, entre outras.

### 5. Trabalho de Campo 1: Problematização das experiências

Durante o curso, os debates dos diferentes temas terão como referência a experiência dos educandos: tanto suas histórias de vida quanto suas experiências de trabalho e sua inserção na sociedade. A problematização e a sistematização de experiências são processos pedagógicos que deverão ser abordados desde o início do curso. Nessa perspectiva, dialogar e trabalhar sobre a problematização e a sistematização das experiências é fundamental para a leitura dos educandos sobre a sua própria realidade e para a construção do saber.

O Trabalho de Campo 1 objetiva compreender as características e as possibilidades de integração do trabalho no âmbito da vigilância e da atenção à saúde. Propomos que seja promovido um diálogo entre trabalhadores de categorias diferentes, no seu território de atuação, abordando as seguintes questões:

- Nas suas trajetórias de vida e profissional, quais os conhecimentos produzidos que vocês consideram fundamentais para a construção da identidade dos ACSs, AVSs e de outros profissionais?
- Quais experiências e possibilidades de trabalho integrado entre ACSs e AVSs vocês observam no território onde atuam?

Esse diálogo deverá ser sistematizado, considerando os aspectos que diferenciam as identidades profissionais e os que aproximam o trabalho no cotidiano da atenção básica e da vigilância em saúde.





## 2º ENCONTRO

### 6. Apresentação do Trabalho de Campo 1

A apresentação do Trabalho de Campo 1 pode acontecer inicialmente em pequenos grupos e depois em plenária. Sugerimos a leitura ou a apresentação do texto **1.2 Dimensão formativa da experiência: importância e possibilidades da sua sistematização** para enriquecer a reflexão sobre a importância de sistematizar as experiências, fontes relevantes de produção do conhecimento. O texto auxiliará na compreensão do método de sistematização.

## 7. Reflexão sobre a identidade de classe dos trabalhadores da saúde

Trabalho é a atividade pela qual o ser humano transforma a natureza para satisfazer suas necessidades e desejos. Para Marx (1978), o trabalho é o primeiro requisito de toda a existência humana e também o primeiro ato histórico: a produção dos meios materiais para manter os seres humanos vivos.

Todos os seres vivos realizam ações para garantir sua sobrevivência, mas diz-se que o trabalho é próprio do ser humano, pois só ele projeta previamente o que vai produzir, diferentemente dos outros animais, que agem por determinação biológica ou instinto, e constroem suas obras sempre do mesmo modo, adaptando-se ao meio. Já o ser humano transforma o seu meio, produzindo cultura e transformando a si próprio, construindo ferramentas para ampliar sua capacidade de trabalho e seu poder sobre a natureza, desenvolvendo a linguagem, aprendendo a se comunicar melhor, elaborando concepções sobre o mundo e a vida.

No modo de produção capitalista, hoje dominante na maior parte do mundo, existem aqueles integrantes da sociedade que possuem os meios de produção, como máquinas, matérias-primas, conhecimento (ciência e tecnologia), e aqueles que vendem sua força de trabalho para os primeiros. Esse modelo de organização do trabalho tem como consequência a divisão da sociedade em classes: a minoria dominante que retém os meios de produção, e a maioria, trabalhadores que vendem sua força de trabalho como uma mercadoria.

Além da divisão em classes sociais, o trabalho no capitalismo é caracterizado por uma divisão técnica que separa as esferas do conhecimento e da produção, a ciência e a técnica, a teoria e a prática. O trabalho se divide em intelectual e manual, sendo este último menos valorizado. Na saúde, a divisão em especialidades técnicas tem como consequência a fragmentação do trabalho, o que é um grave problema, pois essa forma de organização dificulta a promoção de ações integradas que possam dar conta da complexidade do processo saúde-doença.

Com isso, ainda que estejam imersas no mesmo campo, as profissões da saúde se constituem de forma diferente e criam identidades, de acordo com o tempo e os espaços. Podemos dizer que a identidade é a forma como nos constituímos e nos apresentamos no/ao mundo. Na caminhada pela vida, muitas coisas nos formam como sujeitos. Fatores como arranjo familiar, sexo e gênero, condição econômica, escolaridade e inserção no trabalho fazem parte da construção de nossas experiências, daquilo que nos forma. Nesse processo, organizamos gostos, posições políticas e modos de atuar e de se relacionar com a realidade, em particular com a do trabalho.

Com o objetivo de promover uma reflexão sobre a construção das identidades dos trabalhadores, propomos a formação de grupos entre os participantes da turma de acordo com suas histórias e experiências profissionais, a fim de discutir o que os caracteriza como ACSs ou AVSs (história profissional, atribuições, formação, relações com a equipe e com a população, reivindicações, organização da categoria, entre outras).

A leitura dos textos **1.3 História e contexto de atuação dos agentes comunitários de saúde no Brasil** ou **1.4 História e contexto atual dos agentes de vigilância em saúde no Brasil**, que abordam elementos da trajetória e da organização dos ACSs e AVSs, poderá enriquecer o debate.

Consideramos também que é preciso compreender e reforçar o papel do trabalhador da saúde como um trabalhador social, comprometido com a garantia da saúde como um direito universal. Para contribuir com essa reflexão, sugerimos o texto **1.5 O trabalhador social em saúde**.

## 8. Trabalho de Campo 2: As experiências educativas

O objetivo do Trabalho de Campo 2 é problematizar as experiências educativas já realizadas pelos educandos nos territórios e serviços de saúde. Sugerimos que cada um descreva uma dessas experiências, contendo a reflexão sobre a forma como foi realizada. Para auxiliar neste trabalho de campo pode ser retomado o texto **1.2 Dimensão formativa da experiência: importância e possibilidades da sua sistematização**.

### Para saber mais

- BATISTELLA, Carlos Eduardo Colpo. Qualificação e identidade profissional dos trabalhadores técnicos da vigilância em saúde: entre ruínas, fronteiras e projetos. In: MOROSINI, Márcia Valéria Guimarães Cardoso et al. (org.). *Trabalhadores técnicos em saúde: aspectos da qualificação profissional no SUS*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2013. p. 361-390. Disponível em: [www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&Tipo=8&Num=231](http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&Tipo=8&Num=231). Acesso em: 26 ago. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Guia prático do agente comunitário de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *O trabalho do agente comunitário de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo\\_freire\\_pedagogia\\_do\\_oprimido.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf). Acesso em: 26 out. 2015.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1996. Disponível em: [http://www.mma.gov.br/estruturas/168/\\_publicacao/168\\_publicacao30012009115508.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf). Acesso em: 26 out. 2015.
- VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. *Physis* [on-line], v. 14, n. 1, p. 67-83, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v14n1/v14n1a05.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.







## EIXO II

A educação popular no  
processo de trabalho  
em saúde

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz  
e o que se faz, de tal forma que, num dado momento,  
a tua fala seja a tua prática.

**Paulo Freire**

A relação entre educação e saúde é tão antiga que torna estes dois campos indissociáveis ou, ao menos, produz uma forte e necessária interseção entre eles. A educação, por ser o campo das práticas de formação e desenvolvimento humano, assumiu diferentes perspectivas ao longo da história. Na saúde, como já ressaltamos, a proposta da educação popular vem enriquecendo o trabalho no sentido de fortalecer a participação social, o reconhecimento dos saberes populares e o enfrentamento das iniquidades. No entanto, existem práticas de educação com intencionalidades distintas das almejadas pela educação popular que, muitas vezes, atuam como formas de dominação e não de emancipação.

Para promover a reflexão sobre a importância da educação popular no processo de trabalho em saúde, propomos para o Eixo II os seguintes objetivos:

- Dialogar sobre as práticas educativas no processo de trabalho em saúde e refletir sobre seus princípios;
- Problematizar diferentes concepções de educação no campo da saúde;
- Compreender a educação popular como potência para o trabalho em saúde;
- Exercitar o planejamento, a execução e a avaliação das práticas de educação popular em saúde;
- Conhecer os princípios orientadores da Pneps-SUS e relacioná-los com as práticas educativas e com o processo de trabalho na atenção básica e na vigilância em saúde.

## 3º ENCONTRO

### 9. Apresentação do Trabalho de Campo 2

Na correria cotidiana do trabalho, a rotina nos ocupa de tal forma que nem sempre ponderamos sobre o que fazemos. Por isso, é importante que o curso possibilite uma reflexão sobre as práticas educativas desenvolvidas na atenção básica e na vigilância em saúde, bem como uma análise crítica de seus princípios pedagógicos.

Propomos que a turma seja dividida em pequenos grupos, a fim de que os educandos relatem e sistematizem o Trabalho de Campo 2.

Cada grupo poderá em seguida apresentar em plenária, de forma dramatizada, por exemplo, uma experiência escolhida entre as relatadas. A proposta é discutir aspectos positivos e negativos de cada prática apresentada.





## 10. A educação popular em saúde como possibilidade teórico-metodológica no processo de trabalho em saúde

A educação popular afirma que somos sujeitos produzidos historicamente. Não obstante, muitas vezes somos capturados pelas forças hegemônicas, que operam na lógica de um sistema produtivo cujas condições estruturantes são a desigualdade e a organização de uma sociedade em classes sociais. É preciso promover a crítica à forma hegemônica de produção das práticas de educação na saúde para situar a educação popular como uma prática que visa à emancipação humana.

Para iniciar o debate sobre a educação popular, sugerimos que seja exibido o vídeo *Paulo Freire: educar para transformar* (2005), que apresenta uma biografia do pedagogo Paulo Freire.

Em seguida, a fim de aprofundar a discussão sobre as práticas educativas no campo da saúde, sugerimos a leitura em grupo do texto **2.1 Da educação sanitária à educação popular em saúde**. Após a leitura do texto, o grupo poderá formar uma roda de conversa sobre as diferentes práticas educativas, estabelecendo uma relação com as atividades apresentadas no Trabalho de Campo 2, identificando nelas elementos de educação sanitária ou popular.

## 11. Trabalho de Campo 3: O trabalho à luz da educação popular em saúde

Como praticar a educação popular em saúde? Como romper com as práticas normativas que orientam nosso trabalho e organizam o modo de vida da população? Como afirmar uma educação que

reconheça todos como sujeitos de saber? Pensando no desafio que implica essa transformação, propomos o planejamento em grupo de uma atividade educativa na perspectiva da educação popular. Sugerimos para leitura o texto **2.2 O círculo de cultura e o planejamento participativo na educação popular em saúde.**

## 4° ENCONTRO

### 12. Apresentação do Trabalho de Campo 3

Este é o momento de retorno e apresentação do Trabalho de Campo 3. A sugestão é que cada grupo desenvolva a proposta educativa pensada no trabalho de campo com os demais participantes da turma.

### 13. Os princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (Pneps-SUS) e sua relação com o trabalho em saúde

Ainda no sentido de refletir sobre as diferentes concepções pedagógicas que orientam nossas práticas, é fundamental conhecermos os princípios orientadores da Pneps-SUS e relacioná-los com as práticas educativas e com o processo de trabalho na atenção básica e na vigilância em saúde.

A turma pode ser dividida em pequenos grupos que farão a leitura conjunta do texto **2.3 A Pneps-SUS e os princípios da educação popular presentes na política.** Os grupos devem discutir qual o significado dos princípios da Pneps-SUS e relacioná-los com seu processo de trabalho, identificando fatores positivos (que facilitam) e negativos (que dificultam) no desenvolvimento desses princípios. Outra possibilidade é fazer um sorteio dos princípios da Pneps entre todos os educandos da turma. Podem ser distribuídas tarjetas de cores diferentes, relacionadas aos princípios. A cada princípio sorteado, os grupos escolhem a tarjeta correspondente e escrevem ali qual a relação que observam com as suas práticas de trabalho. Pode ser construído um painel com as tarjetas ao longo das apresentações.

Em seguida, um grupo apresentará, em plenária, a relação de seu trabalho com um dos princípios, apontando os fatores negativos e positivos, e os demais grupos complementarão a apresentação.

### 14. Trabalho de Campo 4: O círculo de cultura como método participativo

A proposta do Trabalho de Campo 4 é que os educandos realizem um círculo de cultura para refletir sobre as potencialidades e as dificuldades encontradas pela população no acesso aos serviços de saúde. Sugerimos para a preparação dessa atividade a leitura do texto **2.4 Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular.** Além disso, como leitura auxiliar para este trabalho de campo, sugerimos o texto **2.5 Educação popular como prática social e profissional.**



## Para saber mais

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1981. Disponível em: <http://ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Caderno de educação popular e saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno\\_educacao\\_popular\\_saude\\_p1.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf). Acesso em: 26 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. *Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013*. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html). Acesso em: 26 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *II Caderno de educação popular em saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/>

bvs/publicacoes/2\_caderno\_educacao\_popular\_saude.pdf. Acesso em: 26 ago. 2016.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Pacientes impacientes: Paulo Freire. Apresentação de Ricardo Burg Ceccim, comentários e conclusão por Ana Maria Araújo Freire. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Caderno de educação popular e saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 32-45. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

VALLA, Victor Vincent; LACERDA, Alda; GUIMARÃES, Maria Beatriz. Construindo a resposta à proposta de educação em saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Caderno de educação popu-*

*lar e saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 58-66. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

VASCONCELLOS, Eymard Mourão; VASCONCELLOS, Marcos Oliveira Dias; SILVA, Marisia Oliveira da. A contribuição da educação popular para a reorientação das práticas e da política de saúde no Brasil. *Faeeba - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 24, n. 43, p. 89-106, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/viewFile/1311/886>. Acesso em: 26 ago. 2016.

#### VÍDEO

PAULO Freire: Educar para transformar. Direção: Tânia Quaresma. Mercado Cultural, 2005. 28'44", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WJryIAcbRRE>. Acesso em: 26 ago. 2016.





## EIXO III

O direito à saúde e a  
promoção da equidade

*De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades.*

***Karl Marx***

O direito à saúde é um princípio fundamental da vida. Sendo assim, em 1988, foi definido na Constituição da República Federativa do Brasil, no artigo 196, que:

A saúde é um direito de todos e dever do Estado garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Com esse marco político, a saúde foi definida como um direito social para todos e todas, independentemente de sexo, raça/cor, convicções religiosas, renda, entre outras características.

Contudo, reconhecer que todos têm direito à saúde significa muito mais do que garantir esse direito em um texto constitucional. Ainda que isso seja de suma importância, precisamos reafirmar, o tempo todo, que o direito à saúde, que é também o direito à vida, deve ser garantido pelo Estado por meio de políticas públicas e ações que, de fato, assegurem condições para que todos possam viver de forma saudável. O direito à saúde no Brasil, na prática, tem dificuldades para ser universal, e o Sistema Único de Saúde (SUS) vem sofrendo forte pressão das políticas neoliberais que visam à sua redução e ao seu desmantelamento, pois defendem uma lógica que pressupõe a saúde como mercadoria, e não como direito.

Por conta disso, é importante reforçar a todo o momento que saúde é um direito fruto de uma conquista social, mas que, para que esse direito seja concretizado na vida real, no SUS real, é necessário um olhar diferenciado para cada lugar e para cada população, dado que o Brasil possui diferenças sociais e econômicas geradoras de desigualdades que precisam ser consideradas, além de haver segmentos da população com trajetórias históricas de discriminação e de exclusão. Nesse sentido, garantir o direito universal à saúde significa agir com equidade, reconhecendo as diferenças existentes e atendendo a cada um de acordo com as suas necessidades.

Para garantir o direito à saúde, considerando as demandas e necessidades de grupos e populações em situações de vulnerabilidade e sua diversidade cultural, precisamos reconhecer que o sistema político-econômico predominante produz iniquidade nesses grupos. Além de formarmos profissionais mais conscientes sobre os direitos da sua comunidade, intencionamos que os educandos se sintam parte desse projeto coletivo de saúde. Neste Eixo III vamos promover o debate e a reflexão sobre o direito à saúde na perspectiva da equidade, considerando dimensões muitas vezes negligenciadas, em especial, a espiritualidade, a cultura e a arte na promoção da equidade.

Os objetivos propostos para o Eixo III são:

- Refletir sobre o direito à saúde e a promoção da equidade, identificando as iniquidades presentes nos territórios;
- Discutir a diferença entre os conceitos de cultura de massa e popular;



- Reconhecer as diferentes culturas, incluindo as dimensões espirituais e artísticas das populações;
- Fazer uma análise dos elementos presentes nas diferentes manifestações culturais.

## 5° ENCONTRO

### 15. Apresentação do Trabalho de Campo 4

Na apresentação do Trabalho de Campo 4 sugerimos que a turma seja dividida em grupos, para que o trabalho seja compartilhado inicialmente. Os participantes podem relatar suas experiências de realização do círculo de cultura de forma breve, e o grupo pode fazer uma síntese para ser apresentada em plenária. Consideramos importante que, no momento de apresentação, os educandos reflitam sobre como o círculo de cultura pode fortalecer o direito à saúde. No compartilhamento da experiência, podem ser destacadas as características do grupo, a forma como o tema foi abordado, as diferentes opiniões e as possibilidades de intervenção na realidade concreta.

### 16. Direito à saúde e promoção da equidade no SUS

Propomos esta atividade com o objetivo de problematizar a diversidade do nosso povo e de discutir como as iniquidades interferem nos processos de adoecimento, no acesso aos serviços, na forma de se promover a saúde e na garantia do direito à saúde. Para iniciar a reflexão, sugerimos uma roda de



conversa sobre a questão da vulnerabilidade, na qual todos os participantes busquem identificar quais são os grupos e pessoas mais vulneráveis do seu território. A partir dessa discussão, os participantes irão escolher um personagem vulnerável, para dramatizar. Sugerimos que em roda, no embalo da música *Noite dos mascarados* (1966), do compositor Chico Buarque de Hollanda, cada personagem se apresente e fale sobre suas necessidades e sua relação com os serviços de saúde.

Após a dramatização, é necessário que se faça um debate em que as pessoas dialoguem sobre seus estigmas, medos, opressões e sonhos, sobre a dificuldade de lidar com a complexidade e a diversidade humanas, e sobre como as diferentes situações de saúde acometem as pessoas em geral, e as populações específicas que estão em situação de vulnerabilidade. É importante que educadores e educandos reflitam: a sociedade e os serviços de saúde conseguem reconhecer e acolher a diversidade? Como os diferentes sujeitos (gestores, trabalhadores, lideranças) lidam com ela?

O texto **3.1 Promoção da equidade no SUS: o direito à diversidade** e o vídeo *Série SUS – os princípios do SUS* trazem importantes elementos para a abordagem do tema.

## 17. Trabalho de Campo 5: Estratégias de promoção da equidade

Propomos que os educandos identifiquem, com base em suas experiências de vida e trabalho, estratégias de promoção da equidade e enfrentamento das situações de iniquidade, a fim de se garantir o direito à saúde. Para registro, pode ser elaborado um texto de aproximadamente dez linhas.



## 6° ENCONTRO

### 18. Apresentação do Trabalho de Campo 5

No momento de apresentação, os textos podem ser trocados entre os educandos ou pode ser construído um painel com eles, para que as experiências sejam compartilhadas. Em seguida, em plenária, sugerimos que seja realizado um debate.

### 19. A dimensão cultural na educação popular em saúde

Estamos imersos em contextos culturais que produzem valores, formas de ver e explicar a vida, de pensar o trabalho, de cuidar, de festejar, de lutar e tantas coisas mais que expressam nossa organização coletiva, em grupos, comunidades, territórios.

Sugerimos uma atividade que possibilite:

- Reconhecer, valorizar e aprofundar a diversidade existente nas culturas populares nos territórios de atuação;
- Refletir sobre as potencialidades da cultura popular como fonte de sabedoria para o trabalho em saúde;
- Discutir como a dimensão política da cultura contribui para a transformação social;
- Refletir sobre as diversas expressões da espiritualidade no cotidiano do trabalho em saúde.

Propomos uma roda de conversa para que os participantes debatam sobre o que entendem por cultura, como ela se expressa nos seus territórios e qual a importância do reconhecimento da diversidade cultural.

Após o debate, pode ser lido em grupo ou pode ser feita uma exposição pelos educadores sobre o texto **3.2 As dimensões culturais e a educação popular em saúde**.

Como opção para problematizar as diversas expressões da espiritualidade no cotidiano do trabalho em saúde, indicamos que a turma assista a alguns depoimentos de diferentes atores sociais presentes no documentário *Eu maior* (2012). Sugerimos que vejam os depoimentos de: Bárbara Abramo (astróloga), Greta Silveira (participante do movimento LGBT), Kaká Werá (líder indígena), Marcelo Gleiser (cientista) e Vanete Almeida (educadora).

#### Sinopse

O filme *Eu maior* (2012), dos diretores Fernando Schultz e Paulo Schultz, é um documentário no qual pessoas que atuam em diferentes áreas do conhecimento (arte, ciência, religião, esporte, filosofia, educação), a partir de suas experiências de vida e de suas percepções de si e do mundo, refletem sobre a existência humana, o sentido da vida, a busca da felicidade e o sofrimento humano.

Para aprofundar o debate, sugerimos a leitura do texto **3.3 A espiritualidade e outras dimensões invisíveis: além do óbvio na educação popular em saúde.**

## 20. Trabalho de Campo 6: A diversidade cultural nos territórios

A proposta do Trabalho de Campo 6 é a de que os participantes do curso identifiquem expressões culturais que se manifestam no seu território. Os educandos podem registrá-las por meio de fotos, vídeos, gravações de áudio, ou textos, para facilitar a apresentação no próximo encontro.

# 7º ENCONTRO

## 21. Apresentação do Trabalho de Campo 6

Sugerimos que seja montada uma exposição com as expressões culturais identificadas pelos educandos no Trabalho de Campo 6. Durante a exposição é importante estabelecer uma relação entre as expressões culturais e o trabalho em saúde, e discutir como elas podem contribuir com o planejamento e o desenvolvimento das atividades educativas na comunidade. Os educadores podem encerrar a exposição relembrando a todos sobre a importância do respeito às diversas expressões culturais presentes nos variados territórios.

Para aprofundar o debate sugerimos a leitura do texto **3.4 A arte é longa, a vida é breve: sobre o valor e a potência das artes na educação popular em saúde.**

## 22. Avaliação parcial e sistematização da trajetória do curso

A avaliação é um momento fundamental do processo pedagógico. Sugerimos que seja feita uma avaliação parcial ao final do terceiro eixo, no sentido de possibilitar uma reflexão sobre o que foi feito até o momento e de garantir que a trajetória formativa siga de acordo com a proposta pedagógica do curso. De forma geral, avaliar implica atribuir valores ao que estamos fazendo. Nesse sentido, propomos que a forma de avaliação seja construída coletivamente e que considere aspectos como:

- Trajetória formativa;
- Material didático;
- Relação entre educador e educando;
- Relação entre os educandos;
- Organização dos encontros, comunicação e pactuações;
- Relação entre os conteúdos abordados e o processo de trabalho;
- Sequência de atividades;
- Material de apoio.



Solicitamos que os educadores façam uma sistematização da avaliação construída coletivamente e que a enviem para a coordenação estadual.



## Para saber mais

O QUE sobrou do céu. O Rappa. Direção: Kátia Lund e André Horta. Gravadora: Warner Music Brasil. 5'46", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?t=334&v=kab3hBdmVoo>. Acesso em: 26 ago. 2016.

SÚPLICA cearense. O Rappa. Versão da música de Luiz Gonzaga. Direção: Eduardo Kurt, Yan Motta e Alexandre Juruena. Gravadora: Warner Music

Brasil. 3'32", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F19PnbWigSA>. Acesso em: 26 ago. 2016.

VIDA Maria. Direção: Márcio Ramos. CE: VIACG Produção Digital e TrioFilmes, 2006. 35mm, 9', color., son. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zD\\_kmO8u1Xg](https://www.youtube.com/watch?v=zD_kmO8u1Xg). Acesso em: 26 ago. 2016.





## EIXO IV

Território, lugar de história  
e memória



O mais feroz dos animais domésticos  
é o relógio de parede:  
conheço um que já devorou  
três gerações da minha família.

*Mário Quintana*

Paulo Freire costumava afirmar que “ninguém nasce feito” (1993, p. 104), que o ser humano se faz nas relações sociais, se constitui no tempo e no espaço, na relação com outras pessoas, mediado pelo mundo. Nesse sentido, compreender a história é muito importante, pois somos feitos dela, ao mesmo tempo em que a fazemos. Por sua vez, a história é construída dialeticamente, podendo ser contada de diferentes formas ou por diferentes sujeitos, os quais expressam suas visões de mundo (por exemplo, as guerras geralmente são contadas a partir do ponto de vista dos vencedores e não dos vencidos). Ou seja, a história se constitui na disputa entre diferentes narrativas. A afirmativa de Paulo Freire, “fazer a história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado” (1993, p. 40), nos alerta para os mecanismos de opressão que existem na forma de sistematização dos acontecimentos cotidianos.

De acordo com o pensamento de Paulo Freire, também podemos dizer que somos feitos de lugares. Que, além do tempo, o espaço nos constitui e organiza as coisas que fazem parte de nossas vidas. Ao longo do tempo atravessamos caminhos, circulamos por diferentes lugares, conhecemos e nos relacionamos com outras pessoas – vizinhos, colegas de trabalho, amigos e familiares. Aprendemos com isso, e construímos vínculos e referências culturais, modos de ser, de viver e de nos expressar.

No Sistema Único de Saúde (SUS), falamos do lugar ou do espaço como território. O território é uma noção que organiza o trabalho tanto da atenção básica, quanto da vigilância em saúde. Milton Santos, importante geógrafo brasileiro, considera o território como “o espaço vivido pelo homem” (2003, p. 310). Nesse sentido, o território é um produto histórico que deriva das forças políticas, sociais, econômicas e culturais que se manifestam e se embatem nele. Devemos considerar que o território não é só espacial, é temporal; não é matéria inerte, é vivo; não é homogêneo, é diverso. É o lugar onde a vida acontece, é onde organizamos nossas relações comunitárias e sociais.

Consideramos que compreender o território como um lugar de história e memória é fundamental para reconhecer o outro, ou melhor, os outros, como sujeitos repletos de saberes – princípio fundamental da educação popular.

Assim, objetivamos no Eixo IV:

- Relacionar as expressões culturais existentes nos territórios com a história e a memória;
- Entender a história e a memória como elementos de constituição do território;
- Compreender o território como espaço de organização da vida, do trabalho e das lutas populares.



## 8º ENCONTRO

### 23. A dimensão histórica da cultura

Sugerimos que educadores e educandos problematizem as manifestações culturais apresentadas na atividade anterior, questionando seu desenvolvimento em um local e época específicos, uma vez que essas manifestações possuem história e espelham a memória de uma população situada num território. É no território vivo que as memórias são construídas e divulgadas em disputa com a história dita oficial. Dessa disputa aflora a história viva, aquela na qual o povo está representado, e seu papel é reconhecido, valorizado e lembrado.

Para isso pode ser feita uma roda de conversa, com uma reflexão sobre cultura, território e história com base nos seguintes pontos:

- As manifestações culturais e o território onde foram mapeadas;
- Se as manifestações são exclusivas do território observado ou aparecem em outros territórios;
- A importância de se registrar e recuperar a memória de uma manifestação cultural.

Propomos como leitura de apoio o texto **4.1 História e memória coletiva**.



## 24. Problematização da noção de território

A noção de território é muito importante para a organização do SUS; no entanto, existem diferentes formas de compreendê-lo. É importante questionar qual o nosso entendimento a respeito dele, para, em seguida, apresentar e problematizar a noção de território que tem orientado as políticas e o trabalho na saúde, no âmbito da vigilância em saúde e da atenção básica.

Para essa atividade a turma pode ser dividida em grupos, procurando reunir os educandos de um mesmo território, ou de territórios próximos, que irão levantar algumas especificidades desses lugares: como ali vivem e trabalham as pessoas, a história da sua constituição, seus problemas e aspectos positivos. Os relatos podem ser apresentados de forma livre como, por exemplo, paródias, representações, poesias, entre outras.

Enquanto os grupos apresentam seus relatos em plenária, os educadores podem sistematizar em tarjetas os pontos comuns e divergentes, procurando chegar a uma construção coletiva da ideia de território.

Para a condução dessa atividade, sugerimos o texto **4.2 Território: lugar onde a vida acontece**.

## 25. Apresentação do filme "Narradores de Javé"

Para dar continuidade à discussão sobre as diferentes versões da história, sugerimos a exibição do filme *Narradores de Javé* (2003).

O filme, *Narradores de Javé*, da diretora Eliane Caffé, mostra o valor e o desafio de resgatar a visão das pessoas comuns sobre a sua própria vida e história. A partir da ameaça de desaparecimento do pequeno vilarejo de Javé sob as águas de uma usina hidrelétrica, os habitantes do lugar adotam a estratégia de preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos que marcaram sua história, para dessa forma provar o valor histórico do vilarejo e assim escapar à destruição. A maioria dos moradores é analfabeta e suas histórias tinham sido transmitidas apenas oralmente. Eles escolhem uma pessoa para fazer o registro de suas memórias e lembranças, mas, ao contarem a história, surgem diferentes versões para os fatos.

Na exibição do filme sugerimos que determinados aspectos da trama sejam observados, no intuito de facilitar a reflexão e o posterior debate sobre as seguintes questões:

- Por que existem diferentes versões sobre a mesma história – o surgimento do povoado de Javé?
- Qual das versões sobre o surgimento de Javé poderia ser usada em uma história “oficial” de Javé? Por quê?
- Por que até o momento da construção da barragem não existia uma história de Javé? O que impediu a escrita de uma história de Javé?
- Por que só após a ameaça de expulsão da população de Javé pela chegada das águas é que se acreditou ser possível escrever a história de Javé?
- Com base no filme, que elementos você destacaria para contar a história do seu território?

## 26. Trabalho de Campo 7: Memória e território

Propomos que o Trabalho de Campo 7 tenha como referência uma situação real ocorrida no território, na qual os educandos tenham se deparado com várias lembranças/memórias de sua população. É importante salientar o valor das lembranças e memórias das pessoas, especialmente dos moradores mais antigos, lideranças comunitárias e trabalhadores da saúde.

Sugerimos que seja organizada uma roda de conversa pelos educandos, com pessoas que vivem em um mesmo território há muito tempo e que queiram contar as suas histórias. Ou seja, essa roda de conversa será formada por um grupo de moradores de determinado território e mediada por um ou mais facilitadores (que serão os educandos). A dinâmica da roda de conversa parte de algumas perguntas sobre como aconteceram fatos e processos locais – que envolvam moradia, saneamento, lutas, serviços, epidemias, entre outros temas. Essa atividade permite conhecer a biografia pessoal dos moradores e das lideranças, e a memória coletiva de determinado território ou comunidade, do ponto de vista popular.

A roda de conversa abordará a história do bairro ou da comunidade, e nela poderão ser detalhados fatos como: a construção do posto de saúde, a criação de grupos locais de bem-estar, projetos de saúde com participação da população, entre outros. Essa atividade deverá ser registrada, por escrito, e também por meio de fotografia e/ou vídeo, depois de se obter a autorização das pessoas retratadas e/ou filmadas.

Há um modelo de autorização de uso de imagem disponível com a coordenação estadual do curso.



## 9º ENCONTRO

### 27. Apresentação do Trabalho de Campo 7

Neste 9º Encontro, os educandos apresentarão os registros do Trabalho de Campo 7. Os educadores dialogarão com os grupos sobre a relação existente nos territórios entre memória e história, enfatizando o papel do território como o local onde as memórias são construídas, por vezes de forma complementar, e por vezes de forma diferente da história “oficial”.

### 28. A construção da história da saúde

Na atividade anterior, vimos as diversas histórias que constituíram e constituem o território onde vivemos. Agora, nosso propósito é resgatar, entre as narrativas, aquelas que dizem respeito mais especificamente à construção da história da saúde no território. Veremos adiante que as histórias particulares se integram num conjunto mais amplo de lutas pelo direito à saúde em nosso país.

Para isso propomos a exibição do vídeo *Políticas de saúde no Brasil – um século de luta pelo direito à saúde*.

Logo depois, a turma pode ser dividida em grupos, a fim de debater as questões abaixo e, posteriormente, apresentar em plenária suas conclusões:

- Considerando o tema exposto no vídeo, vocês identificam fatos e acontecimentos que marcaram a luta pela saúde nos territórios?
- Existem diferentes versões dos fatos históricos levantados relacionados à saúde?
- Quais são as reivindicações e outras lutas necessárias para melhorar as condições de vida nos territórios?

### 29. Trabalho de Campo 8: As lutas populares no território

Os objetivos deste trabalho são identificar e registrar, a partir das histórias narradas no Trabalho de Campo 7, ou de outras que os educandos conheçam, os movimentos sociais organizados, atuais ou que já existiram, e acontecimentos políticos (reivindicações, passeatas, mutirões) marcantes, que trouxeram mudanças importantes para o território. Além disso, sugerimos que os educandos reflitam e escrevam sobre como a educação popular pode potencializar as lutas políticas em defesa da cidadania. É importante que os educandos tragam fontes documentais desses episódios, como fotografias, documentos, recortes de jornal, entre outras.



## Para saber mais

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PEDROSA, José Ivo dos Santos. O grito da reforma sanitária: um sopro de esperança que balançou

a estrutura da oligarquia. In: SOUSA, Maria de Fátima et al. (org.). *A saúde em constituição: das imagens às palavras*. Campinas: Saberes, 2011. p. 109-116.





## EIXO V

Participação social e  
participação popular no  
processo de democratização  
do Estado

Em minha pátria há um monte.  
Corre em minha pátria um rio.  
Vem comigo.

A noite sobe ao monte.  
A fome desce ao rio.  
Vem comigo.

Quem são os que padecem?  
Não sei, sei que são meus.  
Vem comigo.

Não sei, porém me chamam  
e dizem: "sofremos".  
Vem comigo.

E me dizem: "Teu povo,  
teu povo deserdado  
entre o monte e o rio,  
com dores e com fome,  
não quer lutar sozinho,  
te está esperando, amigo.

Ó tu, a quem eu amo,  
pequena, grão vermelho  
de trigo,

a luta será dura,  
a vida será dura,  
mas tu virás comigo".

***Pablo Neruda***



O Eixo V se propõe a discutir os conceitos de participação social e participação popular e sua relação com a democratização do Estado brasileiro. Nas últimas décadas observamos uma mudança na compreensão coletiva sobre a necessidade de participação nas decisões políticas que afetam a vida do país, ao mesmo tempo em que é comum ouvirmos afirmações de descrédito em relação à classe política.

A partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 foram instituídos vários espaços, como os conselhos de direitos e setoriais, entre outros, que têm como propósito a participação da sociedade nos assuntos que lhes dizem respeito. Embora isso represente um avanço em relação a períodos anteriores da nossa história, esses espaços ainda são insuficientes para canalizar as variadas reivindicações populares. As críticas são diversas: a perpetuação dos representantes que ocupam assentos nesses espaços, concentrando poder e defendendo, muitas vezes, interesses contrários aos que representam; a cooptação de lideranças de movimentos populares em troca de benefícios; o distanciamento entre a base social e seus representantes; a burocratização da discussão e das pautas políticas, entre outras.

Diante do engessamento desses espaços, vêm brotando no mundo contemporâneo novas formas de luta e de organização, mais horizontais, menos hierárquicas e burocráticas, em muito facilitadas pelas novas tecnologias da comunicação. É importante que as diferentes formas de organização não ignorem o acúmulo de experiência das demais e que sejam permeáveis às demandas e expressões populares.





Para que a população possa identificar e defender seus interesses é vital que tenha uma postura crítica em face da realidade, e que questione as versões apresentadas como verdades. Por esse motivo será dada atenção especial neste eixo ao poder de convencimento da classe dominante, por meio de diversos mecanismos e instituições, com destaque especial para os grandes meios de comunicação.

Paulo Freire, por exemplo, define a manipulação e a invasão cultural como instrumentos de conquista de uma classe sobre outra, ou de um povo sobre outro. Nesse processo há uma tentativa de imposição da visão de mundo dos dominadores sobre o universo cultural dos invadidos, “enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão” (1975, p.178).

A educação popular é um processo contínuo que envolve ação-reflexão-ação. É importante cotidianamente pensarmos em nossas ações e vivências, identificando acertos, erros e mudanças necessárias. Como uma prática social, a educação popular contribui para o enfrentamento das situações de opressão e manipulação presentes em nosso dia a dia, em todas as esferas da vida social.

Nesse sentido, os objetivos do Eixo V são:

- Compreender a educação popular em saúde como prática política e social no âmbito do Estado e da sociedade;
- Compreender as estratégias de dominação e resistência entre classes sociais;
- Refletir sobre a importância da educação popular para o fortalecimento da participação, bem como sobre as diferentes formas de exercitá-la.

## 10° ENCONTRO

### 30. A opressão nossa de cada dia

Um dos princípios da educação popular é a problematização. Mais que representar um conceito ela precisa estar presente na vivência cotidiana das educadoras e educadores populares em saúde. É necessário problematizar nosso cotidiano e perceber que nossas ações podem ser afetadas pela opressão – ora podemos ser opressores, ora oprimidos. Paulo Freire expõe que as relações de opressão não se dão no vazio, mas são sim inerentes ao contexto social que divide os seres humanos em opressores e oprimidos. Nesse processo os opressores utilizam mecanismos variados para manter a opressão, e, assim, dominar.

Sugerimos que a turma seja dividida em grupos. Cada participante irá escrever em uma tarjeta uma situação em que se sentiu oprimido ou agiu como opressor no seu dia a dia de trabalho, nos espaços públicos, no transporte, em escolas, igrejas, postos de saúde, mercados, na relação com policiais, familiares, colegas de trabalho. Em seguida, cada participante relatará a situação vivenciada para o seu grupo, que irá escolher um dos relatos para dramatizar, utilizando uma das técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, o Teatro Fórum.

### Teatro Fórum

Técnica na qual o espectador substitui um dos atores na encenação, modificando o curso da ação no sentido que considera o mais correto ou desejável. O texto inicial deve apresentar os personagens com clareza, identificando a sua ideologia, revelada por meio da expressão corporal dos atores, com gestos marcados. Cada gesto e movimentação deve ter sua razão de ser. Isto é importante para que quando o espectador substitua o ator, não se limite a discursar, mas a atuar. Segundo Boal, "o espectador se libera: pensa e age por si mesmo!" (Boal, 1977, p. 169). A intenção do Teatro Fórum é observar as relações de opressão, desvendando os mecanismos que as produzem e as mantêm, assim como as táticas e estratégias possíveis para desfazê-las. O educador deve problematizar os momentos em que os oprimidos, para saírem da situação em que estão, tendem a assumir o papel de opressor. Recomendamos a exibição do vídeo com o depoimento de Augusto Boal sobre o Teatro Fórum, de 2011, com direção de Zelito Viana.

## 31. Apresentação do Trabalho de Campo 8

Vivenciamos na atividade anterior algumas formas por meio das quais a opressão pode se manifestar. Neste 10º Encontro faremos uma reflexão sobre o trabalho de campo anterior, a fim de que a turma reflita sobre as experiências de participação que existem no território, e sobre como elas se relacionam com as situações de opressão.

Cada educando ou grupo constituído na realização do trabalho poderá construir um quadro ou colagem com o material trazido, explicitando as lutas identificadas no território. Podem ser ressaltados aspectos como: situações que levaram à participação, quem se envolveu, ações realizadas, dificuldades encontradas e resultados alcançados.

O material produzido poderá ser também exposto de forma itinerante em lugares públicos ou nas principais instituições do território, como postos de saúde, escolas, associação de moradores, entre outras, de forma a valorizar essas lutas.

## 32. Participação social e participação popular

Na atividade anterior vimos como são variadas as formas e os tipos de manifestações de luta existentes no território, seus atores, estratégias, dificuldades encontradas, e como elas são importantes para a conquista e a defesa de direitos da classe trabalhadora. Algumas dessas formas participativas se dão em conselhos de direitos e setoriais, espaços instituídos como, por exemplo, os Conselhos de Saúde, de Educação, da Criança e do Adolescente, entre outros, enquanto outras ocorrem em espaços tais como as associações de moradores, o Movimento de População de Rua, o Movimento LGBT e outros mais. Para contribuir com o diálogo acerca da diferença entre as formas de participação, sugerimos que os educadores tomem por base o texto **5.1 Participação popular ou participação social: qual é a diferença?**

### 33. Trabalho de Campo 9: O poder de convencimento dos meios de comunicação

O Trabalho de Campo 9 constará da leitura das reportagens a seguir, que exemplificam diferentes enfoques dados pela mídia aos movimentos sociais. Após a leitura, é importante que seja elaborada uma análise, que deve ser registrada para ser compartilhada no próximo encontro. Para auxiliar essa reflexão, sugerimos o texto **5.2 O fato e a notícia: diferentes enfoques**.

#### Reportagem 1

##### Revista Veja

#### **MST destrói 15 anos de pesquisa em biotecnologia**

Cerca de 1.000 mulheres invadem centro de pesquisa e depredam viveiros com mudas de eucalipto transgênico em Itapetininga, interior de São Paulo.

05/03/2015 23:52



Integrantes do MST invadiram a FuturaGene, fábrica da Suzano para plantas transgênicas em Itapetininga (SP)

Em uma ação criminosa e obscurantista, cerca de mil mulheres do Movimento dos Sem-Terra (MST) depredaram e destruíram nesta quinta-feira mudas de árvores transgênicas que

eram objeto de pesquisa há quinze anos no interior de São Paulo. Elas invadiram e ocuparam um centro de pesquisa da FutureGene, empresa do grupo Suzano Papel e Celulose, em Itapeitinga (SP). A Polícia Militar teve de intervir, mas ninguém foi preso, de acordo com o *Jornal Nacional*, da TV Globo. A Polícia Civil investiga o caso.

O alvo da fúria do MST eram as mudas de uma espécie de eucalipto transgênico, H421. Com lenços encobrendo o rosto, barras de ferro, machados e facões em punho, elas bloquearam e picharam a entrada da empresa. Assim que conseguiram entrar no local, foram direto à estufa onde os cientistas faziam testes com as mudas. Em um ato de selvageria – enaltecido em vídeo publicado pelo grupo, no qual a empresa é chamada de “maldita” – bateram com pedaços de pau nos viveiros, arremessaram as mudas geneticamente modificadas no chão e as pisotearam.

Pela manhã, cerca de 300 pessoas organizadas pela Via Campesina invadiram a reunião da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), em Brasília. Na pauta, estava a liberação de três novas variedades de plantas transgênicas no Brasil: os milhos resistentes ao 2,4-D e ao haloxifape, além do eucalipto transgênico. A reunião foi interrompida e a votação passará para a primeira quinzena de abril.

Os desenvolvedores afirmam que o eucalipto modificado terá maior produtividade e será usado para indústria madeireira. A FuturaGene prevê que a plantação destas árvores transgênicas permitirá um aumento de 20% na produtividade do eucalipto, o que colocaria o país na vanguarda da produção mundial de pasta de papel obtida de sua fibra.

“**Males**” – O MST justifica os atos como uma denúncia dos supostos “males dos transgênicos” ao meio ambiente e em defesa “da segurança alimentar e de alimentos saudáveis”. Eles argumentam, por exemplo, que essa espécie de eucalipto em desenvolvimento aumentaria o gasto de água em até 30 litros por dia para cada muda. “O princípio da precaução é sempre ignorado pela CTNBio. A grande maioria de seus integrantes se coloca a favor dos interesses empresariais das grandes multinacionais, em detrimento das consequências ambientais, sociais e de saúde pública”, disse ao site do MST Atiliana Brunetto, integrante da direção nacional do MST.

O grupo diz que a nova espécie colocaria em risco a produção brasileira de mel. Lideranças do movimento argumentam que a maior parte do produto é feita a partir do eucalipto. Com a introdução do transgênico, segundo a tese, as abelhas poderiam contaminar a produção com os elementos da nova variedade. Assim, o mel nacional poderia sofrer restrições no mercado internacional, além de possíveis ameaças à saúde dos consumidores e das abelhas.

De acordo com a organização de camponeses, para prevenir pragas, a plantação de eucalipto transgênico precisa do uso de produtos agrotóxicos como a sulfluramida, um elemento cancerígeno e proibido pelo Convênio de Estocolmo sobre Poluentes Orgânicos Persistentes, assinado por 153 países, entre os quais está o Brasil.

Histórico – A destruição das mudas é apenas uma das ações questionáveis do MST, um movimento que, como já mostrou VEJA em diversas reportagens, é comandado por agitadores profissionais que, a pretexto de lutar pela reforma agrária, usam uma multidão de desvalidos como massa de manobra para atingir seus objetivos financeiros. Sua arma é o terror contra fazendeiros e também contra os próprios assentados que se recusam a cumprir as ordens dos chefões do movimento e a participar de saques e atos de vandalismo. Com os anos, o movimento passou por um processo de mutação. Foi-se o tempo em que seus militantes tentavam dissimular as ações criminosas do grupo invocando a causa da reforma agrária. Há muito isso não acontece mais. Como uma praga, o MST ataca, destrói e saqueia – e seus alvos, agora, não são mais apenas os chamados latifúndios improdutivos.



## Reportagem 2

UOL Notícias

### **MST ocupa centro de pesquisa de eucalipto transgênico em Itapetininga (SP)**

05/03/2015 14:52

*Divulgação/MST*



Militantes do MST ocupam centro de pesquisas da Suzano Papel e Celulose, em Itapetininga (SP)

Cerca de mil mulheres militantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) ocuparam nesta quinta-feira (5) um centro de pesquisa científica de propriedade da fábrica de celulose Suzano Papel e Celulose em um protesto contra os alimentos transgênicos, informou a organização em comunicado.

Os membros do combativo movimento brasileiro invadiram as instalações da FuturaGene Brasil Tecnologia, uma empresa em Itapetininga, no estado de São Paulo, onde a fábrica de celulose faz pesquisas com transgênicos para melhorar sua produtividade.

De acordo com o MST, a ação, que se engloba na Jornada Nacional de Luta das Mulheres Camponesas, pretende alertar sobre os perigos que suporia a liberalização do cultivo de eucaliptos transgênicos no Brasil.

A ocupação coincide com uma reunião convocada para esta quinta-feira pela CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança) e na qual este organismo vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação pretende votar a liberação do eucalipto transgênico no Brasil.

A FuturaGene prevê que a plantação destas árvores transgênicas permitirá um aumento de 20% na produtividade do eucalipto, o que colocaria o país na vanguarda da produção mundial de pasta de papel obtida de sua fibra.



No entanto, vozes críticas ao projeto alegam que a liberalização da plantação de eucaliptos transgênicos apenas favoreceria a fábrica de celulose Suzano. O MST, por sua vez, denuncia em seu comunicado que são vários os prejuízos econômicos, sanitários e ambientais que esta liberalização provocaria.

De acordo com a organização de camponeses, para prevenir pragas, a plantação de eucalipto transgênico precisa do uso de produtos agrotóxicos como a sulfloramida, um elemento cancerígeno e proibido pelo Convênio de Estocolmo sobre Poluentes Orgânicos Persistentes, assinado por 153 países, entre os quais está o Brasil.

O MST alega que seu cultivo também prejudicaria os produtores de matérias-primas orgânicas, como o mel, já que sua produção poderia ser contaminada durante o processo de polinização das abelhas pelas substâncias presentes nas árvores transgênicas.

A organização diz também que o ciclo de crescimento destes eucaliptos se reduz de 7 anos a 5 anos e meio, para o qual é preciso um aumento do uso de recursos hídricos, o que, na opinião do MST, representa um sério problema em um país que atualmente atravessa uma das maiores secas de sua história.

## 11º ENCONTRO

### 34. Apresentação do Trabalho de Campo 9

Nesta atividade nos dedicaremos à reflexão sobre as diferentes formas de reproduzir uma informação e sobre o significado apresentado nas reportagens.

A mídia tem forte poder de influência sobre o pensamento da população, seja porque as pessoas acreditam piamente nas informações veiculadas, seja pela sua grande abrangência – a televisão, por exemplo, atinge praticamente todo o território nacional.

Não é tão fácil estabelecer a verdade em relação a um fato. Quando duas pessoas narram um fato que vivenciaram juntas, as duas narrativas terão diferenças entre si. Cada uma observa determinados aspectos da realidade, e lhe dá significados a partir do seu referencial, da sua visão de mundo e de seus interesses. O mesmo acontece com os meios de comunicação: dois jornais diferentes vão noticiar o mesmo fato de forma diferente, valorizando ou ignorando determinados aspectos.

A chamada “grande mídia” defende interesses bem explícitos ligados à classe dominante, uma vez que seus representantes fazem parte dessa classe. Na defesa de seus interesses, ela distorce e manipula a notícia. Ela apresenta os fatos de certa maneira, induzindo o público em uma direção. A televisão mostra aquilo que quer que vejamos, a edição dos conteúdos vai apresentar apenas partes selecionadas do acontecimento.

Você já parou para avaliar de quem é a propriedade do jornal que você lê ou do canal de televisão que você assiste?

Para enfrentar os ardis e mentiras disseminados pela mídia, é fundamental uma postura crítica diante das informações que recebemos. Analisar a notícia, questioná-la, compará-la com outras, buscar outras fontes de informação. Produzir e fortalecer as mídias alternativas, comunitárias, que falem na linguagem das classes populares, e discutam temas que as façam crescer e avançar.



Sugerimos que seja feita uma roda de conversa para discutir os trabalhos trazidos e problematizar o que foi retratado nas reportagens, com base na observação dos seguintes aspectos:

- Diferentes interpretações identificadas em uma mesma notícia;
- Recursos visuais e/ou argumentativos utilizados;
- Intenções percebidas nas reportagens.

Ao final, sugerimos que seja exibido o vídeo *Levante sua voz*, do diretor Pedro Ekman (2009), para problematizar o poder da mídia, em especial dos grandes meios de comunicação, na formação da opinião da população.

### 35. Os meios de comunicação e a educação popular

Paulo Freire, no livro *Extensão ou comunicação* (1979), parte de uma inquietação com os projetos educativos centrados na transmissão de informações e no convencimento dos outros. Muitas vezes esses projetos atuam como formas de colonização, principalmente quando os outros estão imersos em elementos culturais que são estranhos aos educadores. Essa forma de educação é antidialógica e promove o que ele chama de invasão cultural, ou seja, o educador se apresenta como um invasor que “reduz os homens do espaço invadido a meros objetivos de sua ação” (p. 41). Na contramão dessa perspectiva, Paulo Freire reforça a importância de uma comunicação ou de uma prática dialógica capaz de promover uma transformação constante da realidade. Para ele: “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o *pronunciam*, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (p. 43). E esse encontro não pode ser um encontro de inconciliáveis. Diálogo, nesse sentido, é o oposto de invasão.

Para transformar as práticas educativas, o ser humano deve ser compreendido nas suas relações com o mundo, visto que é um “ser-em-situação” (Freire, 1979, p. 28). Dessa forma, a comunicação

implica uma reciprocidade em que os sujeitos, educadores e educandos, são interlocutores, ambos falam e se expressam com base em suas referências culturais. Educar é comunicar, e comunicar é dialogar, “na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados” (Freire, 1979, p. 69).

Essa atividade tem como objetivo promover uma forma de comunicação que tenha como referência os princípios da educação popular. Sugerimos que seja realizado um trabalho em grupo para o desenvolvimento de uma estratégia ou de um material educativo que tenha como tema algum problema de saúde existente no território. Pode ser feita uma dramatização, um programa de rádio, um mural comunitário, um cartaz, um jornal local, ou uma matéria para ser divulgada em meios virtuais, como um *blog* ou outras mídias sociais.

Para auxiliar o trabalho podem ser considerados os seguintes pontos:

- Com quem queremos nos comunicar?
- Qual o meio de comunicação mais usado por esse público?
- Qual a mensagem que se quer divulgar?
- Qual a forma de expressão ou a linguagem escolhida?

Ao final, sugerimos que seja feito um debate, considerando as possibilidades e dificuldades para a realização de uma prática educativa/comunicativa dialógica.

## 12° ENCONTRO

### 36. Reflexão sobre as noções de Estado e democracia

Nosso objetivo neste 12º Encontro é procurar refletir sobre o papel do Estado e sua relação com a sociedade, e sobre como ela vem se organizando para influenciar nas decisões que a afetam. Em especial, daremos atenção às situações de opressão vivenciadas pelas classes populares e como elas, muitas vezes, resistem e se organizam para enfrentá-las.

Os diferentes movimentos sociais são fundamentais nessa luta, ao contribuírem para a construção de um “outro mundo” e para a organização das lutas populares. Por meio da crítica ao senso comum - às verdades que assumimos como nossas, sem muitas vezes problematizá-las - podemos compreender aquilo que nos oprime e, ao mesmo tempo, lutar para a transformação do mundo em que vivemos. Por isso, a participação popular organizada em seus diversos espaços é fundamental.

Neste encontro iremos relacionar os temas já abordados anteriormente, opressão e participação, com o papel desempenhado pelo Estado.

Os educadores podem iniciar o 12º Encontro partindo das concepções trazidas pelos educandos sobre o tema “Estado”, e como nele se configuram as relações de opressão e participação. Sugerimos a exibição do documentário *Utopia e barbárie*, do diretor Silvio Tendler (2009), seguida de debate. Propomos que sejam identificadas as situações de opressão e de participação dentro do período histórico apresentado no filme, considerando o fato de que a luta por um Estado democrático de direito nunca cessa.

## 37. A luta em defesa do SUS

O direito à saúde é ainda um grande desafio. No contexto político brasileiro, o Sistema Único de Saúde (SUS) é um projeto que disputa com os interesses do capital. A conquista do direito é um processo permanente e deve envolver e ampliar a mobilização e a participação popular em diferentes esferas e níveis de governo. É importante compreender os interesses que são contrários ao SUS, isto é, aqueles que defendem a mercantilização da saúde. Por isso, sugerimos que seja realizado um debate sobre os avanços, desafios e possibilidades de constituição do SUS como um sistema universal e público de saúde. Podem ser desenvolvidas estratégias como, a realização de um “júri popular”, a construção de um manifesto, ou a construção de esquetes, dramatizações ou *performances* que problematizem os diferentes interesses em jogo na disputa da saúde.

Para auxiliar na atividade, sugerimos a leitura do texto **5.3 A luta popular em defesa do SUS**.

## 38. Trabalho de Campo 10: Os problemas de saúde nos territórios

Com o objetivo de iniciarmos a discussão sobre a determinação social do processo saúde-doença e as práticas de cuidado, sugerimos que, por meio de uma conversa com os trabalhadores e/ou moradores, os educandos identifiquem os principais problemas de saúde de seu território. O trabalho deve promover uma reflexão crítica que considere os fatores determinantes de cada problema, bem como refletir sobre como a educação popular pode ajudar a resolvê-los. Para orientar a roda de conversa, sugerimos que seja feito um roteiro com questões norteadoras. Os problemas identificados pelo grupo podem ser registrados com recursos visuais, como fotografia, imagem ou vídeo.





## EIXO VI

O território, o processo  
saúde-doença e as práticas  
de cuidado



Cuidar do outro é cuidar de mim

Gritava um homem da rua  
cantando com sua voz  
embargada de pigarro  
em sua língua rota e nua:

Lá no tempo em que nasci,  
logo aprendi algo assim:  
cuidar do outro é cuidar de mim,  
cuidar do outro é cuidar de mim,  
cuidar do mundo é cuidar de mim,  
cuidar de mim é cuidar do mundo.

Se cuido um pouco de tudo,  
de mim, de mim quase nada;  
eu preciso me incluir,  
é hora de me amar;  
é sabido, viver é bom,  
viver é bom pra quem sabe amar.

Lá no tempo em que nasci,  
logo aprendi algo assim:  
cuidar do outro é cuidar de mim,  
cuidar do outro é cuidar de mim,  
cuidar do mundo é cuidar de mim,  
cuidar de mim é cuidar do mundo.

Outro mundo, outros tempos;  
outros fins, outro começo;  
sabidos são os afetos,  
o amor é terapêutico.

Lá no tempo em que nasci,  
logo aprendi algo assim:  
cuidar do outro é cuidar de mim,  
cuidar do outro é cuidar de mim,  
cuidar do mundo é cuidar de mim,  
cuidar de mim é cuidar do mundo.

**Ray Lima**



Neste eixo final, após percorrermos temas tão diversos e variados como Estado e democracia, história e memória, arte e cultura, equidade, participação, direitos e lutas populares, tendo sempre como eixo transversal a educação popular, voltaremos a nossa atenção para os processos de trabalho em saúde. Enriquecidos com os novos olhares proporcionados pelos conhecimentos compartilhados, podemos retornar às nossas práticas realizando uma reflexão crítica sobre os aprendizados construídos durante o curso, traçando estratégias e perspectivas de continuidade das ações de educação popular em saúde nos territórios.

Como vimos no **Eixo IV – Território, lugar de história e memória**, o território não se restringe à sua dimensão geográfica, pois incorpora inúmeros elementos que organizam a realidade e as formas de vida. O território é composto por paisagens, natureza, construções, ruas, alamedas e muitos detalhes, e também pelos sujeitos que vivem e circulam nos seus espaços, sujeitos que possuem diferentes modos de andar, de se vestir, de se alimentar, de amar e de cuidar de si, dos outros e do próprio território.

Na vigilância em saúde o território também é o lugar de investigação e análise da situação de saúde, e de desenvolvimento de ações de controle das situações de risco, das doenças, dos agravos à saúde e de seus determinantes. Na atenção básica, o território aparece como espaço de delimitação da atuação das unidades de saúde: é um elemento central na organização do processo de trabalho das equipes de Saúde da Família. Essa organização facilita o cadastramento das famílias e o diagnóstico de suas condições de vida, a identificação dos problemas de saúde da comunidade, o planejamento e a programação de ações e a materialização das práticas e das relações de atenção e cuidado. Seja na vigilância em saúde, seja na atenção básica, é a partir do território que enfrentamos os problemas de saúde e que podemos promover a integração do processo de trabalho dessas duas áreas.

O objetivo do Eixo VI se ancora na contribuição político-metodológica que a educação popular em saúde apresenta, seja por meio da problematização da determinação social do processo saúde-doença, seja pela promoção de práticas de cuidado mais humanizadas e integrais, referenciadas na potência dos saberes populares. Nesse sentido, propomos os seguintes objetivos:

- Compreender os problemas de saúde no território sob a perspectiva da determinação social da saúde;
- Compreender e problematizar as diferentes práticas de cuidado existentes no território;
- Discutir sobre a autonomia dos sujeitos nos seus processos de saúde-doença e cuidado;
- Refletir sobre as práticas populares de cuidado, como elas têm dialogado com as práticas dos profissionais dos serviços de saúde e como estão presentes no cotidiano das comunidades.

## 13° ENCONTRO

### 39. Apresentação do Trabalho de Campo 10

A apresentação do Trabalho de Campo 10 pode acontecer em pequenos grupos e depois em plenária. Cada educando poderá trazer para o grupo o que entende por problema de saúde e, em seguida, apresentar os problemas identificados na roda de conversa realizada no território. A sistematização

da reflexão pode ser feita por meio da construção de um mapa ou da elaboração de desenhos e tarjetas, entre outras diferentes maneiras, mostrando a relação entre os problemas e seus determinantes. No caso do mapa, os grupos podem escolher um território real ou construir um mapa fictício para representar relações presentes em diferentes territórios.

#### O mapa

Para entender melhor por meio da visualização as complexas inter-relações que se estabelecem em um território, usamos um mapa, que pode ser elaborado de várias maneiras. É importante que nele esteja configurado o maior número de objetos, eventos e situações que possam influir na vida daquela localidade. Ele pode incluir diversas informações presentes no território. Os problemas revelados no Trabalho de Campo 10 precisam estar presentes nesse mapa, como pontos de acumulação de lixo, destino de esgotos, presença de vetores e outros, assim como as iniciativas comunitárias organizadas para superá-los, conselho local de saúde, associações de moradores e outras. Os locais podem ser identificados – nomes das ruas, estabelecimentos, prédios – para que qualquer pessoa, mesmo que não conheça a área, possa se situar no mapa.

Sugerimos que, após a discussão em grupos e em plenária, seja abordada a noção de problema de saúde no contexto da análise do processo saúde-doença e na perspectiva da determinação social, com base no texto **6.1 A determinação social do processo saúde-doença pelo olhar da educação popular em saúde**.

Ao final pode ser exibido um pequeno trecho de uma entrevista com Paulo Freire (1997), em que ele reflete sobre a relação entre adaptação e inserção. Se a inserção, como considera Freire, é a tomada de decisão no sentido de se intervir no mundo, é importante pensar que a intervenção sobre os problemas de saúde não pode ser uma mera adaptação, e sim, deve abranger desde a atuação sobre os determinantes sociais, até o cuidado das pessoas e do território.

## 40. Reflexão sobre a determinação social do processo saúde-doença

Depois da reflexão feita no encontro anterior, com base na experiência realizada pelos educandos, sugerimos que seja aprofundada a problematização sobre a dimensão social do processo saúde-doença. Para isso, propomos a exibição do vídeo *Pobreza no Brasil: caminhos da reportagem* (2011) – ou de outro vídeo que aborde algum aspecto significativo que gere desigualdade no processo de adoecimento e morte no Brasil.

Após a exibição do vídeo, a turma poderá ser dividida em grupos, para que os educandos reflitam sobre outros fatores que também interferem no processo saúde-doença, levando em consideração as diferentes realidades vivenciadas nos territórios. Ao final, cada grupo apresentará de forma livre as suas reflexões em plenária, seguidas de um debate.





## 14º ENCONTRO

### 41. Autonomia e cuidado

Conta um antigo mito romano que a criação do homem se deu pela ação de dois deuses: a Terra, que lhe deu corpo e beleza, e o Céu, que lhe deu vida e energia. Porém, para ser humano, o homem deveria manter o céu e a terra unidos dentro de si, e para isso deveria ser acompanhado pelo Cuidado por toda sua vida (Boff, 2003).

Qualquer forma de vida que receba cuidados se desenvolve, desabrocha e floresce. Se nós humanos não formos cuidados por nossos semelhantes, murchamos, entristecemos e adoecemos. O cuidado se opõe à destruição, ao desgaste excessivo das coisas.

Para Boff (2000), o cuidado está muito associado ao sentimento, que é a primeira forma como percebemos o mundo. Assim, é impossível ter uma atitude de cuidado por uma pessoa sem ter um sentimento de solidariedade por ela, de querer que ela fique boa.

A amorosidade e o diálogo constituem elementos indispensáveis para que ocorra, no processo educativo, o encontro entre os seres humanos. A amorosidade pode ser entendida como um sentimento de pessoas que se respeitam como sujeitos autônomos, considerando que o diálogo só é possível, em sentido autêntico, com um profundo amor ao outro e ao mundo.

A forma tradicional de cuidado no campo da saúde, baseada no modelo biomédico, foca seu olhar na doença, e não no ser humano, desconsiderando sua singularidade e seu contexto de vida. Com o desenvolvimento científico e tecnológico promovido pelo capitalismo, cada vez é mais distanciada a relação entre o profissional de saúde e o usuário, e cada vez menor é o contato físico e afetivo entre eles. Problemas sociais geradores de tensões sociais e emocionais e que se expressam na forma de sintomas acabam sendo medicalizados, quando uma escuta mais solidária, afetiva e responsável poderia contribuir para o alívio dessas tensões de forma mais humanizada e efetiva.

Se, por um lado, o cuidado em saúde pode diminuir o impacto do adoecimento, por outro, a falta de cuidado, o descaso, o abandono e o desamparo podem aumentar o sofrimento. Como resposta a essas questões, vêm sendo apresentadas, no bojo das políticas de saúde, propostas de implementação de práticas que rompam com a visão medicalizadora, tais como a equidade, a integralidade, a promoção da saúde e a humanização.

Depois de aprofundar a discussão sobre a determinação social do processo saúde-doença, sugerimos que seja iniciada a reflexão sobre uma importante dimensão do trabalho e da vida, concretizada na relação entre sujeitos que buscam resolver os problemas de saúde: o cuidado.

Para isso, propomos que sejam organizados grupos que elaborem e apresentem dramatizações, ou outras formas de expressão, que reflitam situações de cuidado a partir das experiências dos educandos.

Após as apresentações, os participantes podem debater se houve, na relação de cuidado, fortalecimento da autonomia ou, ao contrário, ampliação da dependência dos sujeitos. Para o debate, os educadores podem propor questões como:

- O que significa cuidar?
- Quais práticas podem propiciar a autonomia ou a dependência dos sujeitos que procuram os serviços de saúde?
- Como a organização do serviço pode favorecer ou desfavorecer a relação de cuidado?

A turma ainda poderá fazer a leitura do texto **6.2 Cuidado, autonomia e emancipação** e identificar em suas dramatizações as formas de cuidado que escolheram para representar.

## 42. Concepções e práticas de cuidado em saúde

Depois da reflexão inicial feita no momento de discussão do trabalho de campo, a turma pode ser dividida em grupos para a leitura do texto **6.3 O cuidado em saúde**. O texto é organizado em cinco partes: a primeira é a introdução, a segunda aborda a concepção da medicina científica, a terceira trata das práticas tradicionais e dos saberes populares de saúde, a quarta parte versa sobre as práticas integrativas no SUS e a última aborda as contribuições da educação popular para se repensar o cuidado no campo da saúde. Sugerimos que cada grupo leia, além da introdução e da conclusão, uma das outras partes do texto, sistematizando as ideias centrais e as exemplificando com base na sua vivência. Posteriormente, as sistematizações podem ser apresentadas em plenária, garantindo assim que sejam discutidas as diferentes concepções e práticas de cuidado que organizam o trabalho na saúde.

Para finalizar a atividade, sugerimos a exibição do vídeo *Dona Chica: saberes e fazeres* (2015) – documentário sobre a trajetória de Francisca Angurê, parteira há muitos anos no Ceará.

### 43. Trabalho de Campo 11: O cuidado no território

A proposta é que, no Trabalho de Campo 11, os educandos inicialmente identifiquem e registrem as práticas de cuidado existentes nos territórios, sejam elas práticas populares ou desenvolvidas pelos profissionais de saúde. Sugerimos que se elabore um roteiro com questões para auxiliar o trabalho. Após a realização dessa primeira etapa, sugerimos a escolha de uma estratégia de cuidado para ser promovida no próximo encontro, quando ocorrerá uma “oficina de cuidado”. Na oficina, podem ser experimentadas diferentes práticas de cuidado, tais como: alongamento, dança, alimentação natural, relaxamento, massagem, entre outras, conforme o interesse dos educandos, que poderão trazer convidados para ajudarem na condução da oficina.

## 15° ENCONTRO

### 44. Apresentação do Trabalho de Campo 11

No momento de apresentação das práticas de cuidado identificadas nos territórios pelos educandos é importante que sejam discutidas as concepções de saúde ali presentes.

### 45. Oficina de cuidado

Para finalizar o último eixo do curso, sugerimos a realização da grande Oficina de Cuidado. Após as experimentações, indicamos que seja feita uma roda para que cada um possa dizer como se sentiu, refletindo também sobre a viabilidade de acontecer algo similar em sua rotina de trabalho: seria possível ou não? Quais seriam os limites e as possibilidades de construção de outras formas de cuidado?

### 46. Trabalho de Campo 12: Carta sobre a experiência do curso

No primeiro encontro foi solicitada a elaboração de uma carta de expectativas em relação ao curso. Agora, chegando ao final, é importante retomá-la para pensar se as expectativas iniciais foram alcançadas. Por isso, sugerimos a elaboração de uma nova carta relatando toda a experiência vivida, o que foi identificado como favorável e o que foi desfavorável. Esperamos que ela apresente elementos que colaborem para a avaliação do curso, em especial no sentido de refletir sobre a relevância dele para sua prática profissional e formação humana.

## 16° ENCONTRO

### 47. Apresentação do Trabalho de Campo 12 e avaliação do curso

Sugerimos que os participantes exponham o que escreveram na carta, procurando relacionar esse conteúdo ao da carta de expectativas elaborada no início do curso. A partir daí, propomos uma avaliação coletiva do curso, nos moldes da avaliação parcial, promovendo uma reflexão sobre questões como:

- Trajetória formativa;
- Material didático;
- Relação entre educador e educando;
- Relação entre os educandos;
- Organização dos encontros, comunicação, fluxos e pactuações;
- Relação entre os conteúdos abordados e o processo de trabalho;
- Sequência de atividades;
- Material de apoio.

### 48. Preparação da mostra de experiências do EdPopSUS

O encerramento consistirá em uma mostra regional ou estadual cujo tema será escolhido pelas turmas e pelo conjunto dos educadores. Seguindo a experiência bem-sucedida da primeira fase do EdPopSUS, sugerimos que o evento seja organizado tomando como referência os trabalhos realizados pelos educandos no decorrer do curso. Podem compor a mostra: manifestações culturais, alimentação e gastronomia, práticas populares de cuidado, atividades educativas, registros imagéticos, fotográficos e audiovisuais, entre outros elementos que educandos e educadores considerem pertinentes e significativos para expor a experiência do curso.

Algumas orientações para o planejamento da mostra:

- A mostra deve revelar a diversidade de experiências da educação popular em saúde, seja no cuidado, na formação, na gestão, na participação ou no controle social;
- É importante garantir o debate entre as experiências e as práticas;
- A organização deve ser compartilhada, desde seu planejamento até sua implantação;
- Devem ser definidos e mobilizados parceiros, não só para garantir os instrumentos para a realização da mostra, mas também para que participem dela atores sociais para além daqueles que fizeram parte do curso, fortalecendo o diálogo com as experiências e instituições da gestão, da formação e do controle social, entre outros;
- É preciso pensar estratégias de comunicação e divulgação para que haja a mobilização pretendida dos conjuntos de trabalhadores e atores implicados com a saúde;
- Devem ser definidas formas de registro e sistematização do evento, por meio de fotos, filmagens, relatório e outros instrumentos.



## 17° ENCONTRO

### 49. Encerramento: Mostra de experiências do EdPopSUS

Esperamos que a trajetória traçada ao longo dos encontros possibilite que o momento final do curso de Aperfeiçoamento de Educação Popular em Saúde concentre experiências que possam produzir práticas transformadoras, no sentido da valorização dos saberes e das lutas populares em defesa da saúde pública nos territórios.

## Referências bibliográficas

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *O cuidado essencial*. Disponível em: <http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/cuidado-ess.htm>. Acesso em: 25 ago. 2016.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988. Artigos 196 a 200. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/web\\_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaofederal.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaofederal.pdf). Acesso em: 25 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. *Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013*. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (Pneps-SUS). Diário Oficial da União, Brasília, n. 255, seção 1, p. 62-63, 20 nov. 2013. Disponível em: <http://sintse.tse.jus.br/documentos/2013/Nov/20/portaria-no-2-761-de-19-de-novembro-de-2013>. Acesso em: 25 ago. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. *Comunicação ou extensão*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. *Política e educação: ensaios*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. 2. ed. São Paulo: Abril, 1978. (Col. Os Pensadores).

MST destrói 15 anos de pesquisa em biotecnologia. Cerca de 1.000 mulheres invadem centro de pesquisa e depredam viveiros com mudas de eucalipto transgênico em Itapetininga, interior de São Paulo. *Revista VEJA - Redação/ EFE/ Agência*

*Brasil/Estadão Conteúdo*, São Paulo, 5 mar. 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/mst-destroi-15-anos-de-pesquisa-em-bio-tecnologia>. Acesso em: 25 ago. 2016.

MST ocupa centro de pesquisa de eucalipto transgênico em Itapetininga, SP. *UOL Notícias*, São Paulo, 5 mar. 2015. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2015/03/05/mst-ocupa-centro-de-pesquisa-de-eucalipto-transgenico-em-itapetininga-sp.htm>. Acesso em: 25 ago. 2016.

SANTOS, Milton. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 309-314, 2003.

## Referências filmicas

ADAPTAÇÃO X inserção. Entrevista com Paulo Freire. São Paulo: TV PUC, 1997. 1'47", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBAaJpNIIjc>. Acesso em: 26 ago. 2016.

BÁRBARA Abramo. Entrevista para o documentário "Eu maior". Direção: Fernando Schultz e Paulo Schultz. São Paulo: Dobem e Catalisadora Audiovisual, 2012. 4'4", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BqywchZRd-M>. Acesso em: 26 ago. 2016.

DEPOIMENTO de Augusto Boal sobre a técnica do Teatro Fórum para o documentário "Augusto Boal e o Teatro do Oprimido". Direção: Zelito Viana, 2011. 6'18", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IZhlpnSVRUg>. Acesso em: 26 ago. 2016.

DONA Chica: saberes e fazeres. Entrevista, concepção e edição: Luiz Gustavo Lima. Mato Grosso: Aneps, ICHS/UFMT, 2015. 17", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/>

watch?v=JW1FizpVhrA. Acesso em: 26 ago. 2016.

EU Maior. Direção: Fernando Schultz e Paulo Schultz. São Paulo: Dobem e Catalisadora Audiovisual, 2012. 1'30", color., son. Disponível em: <https://youtu.be/V0gquwUQ-b0>. Acesso em: 26 ago. 2016.

GRETA Silveira. Entrevista para o documentário "Eu maior". Direção: Fernando Schultz e Paulo Schultz. São Paulo: Dobem e Catalisadora Audiovisual, 2012. 4'43", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RocV-05FUeE>. Acesso em: 26 ago. 2016.

KAKÁ Werá. Entrevista para o documentário "Eu maior". Direção: Fernando Schultz e Paulo Schultz. São Paulo: Dobem e Catalisadora Audiovisual, 2012. 4'15", color., son. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=S6\\_5c\\_LzryY](https://www.youtube.com/watch?v=S6_5c_LzryY). Acesso em: 26 ago. 2016.

LEVANTE sua voz. Direção: Pedro Ekman. São Paulo: Intevozes Coletivo Brasil de Comunicação, 2009. 17", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KgCX2ONf6BU>. Acesso em: 26 ago. 2016.

MARCELO Gleiser. Entrevista para o documentário "Eu maior". Direção: Fernando Schultz e Paulo Schultz. São Paulo: Dobem e Catalisadora Audiovisual, 2012. 5'18", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nslq6a8JvjQ>. Acesso em: 26 ago. 2016.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Rio de Janeiro: Bananeira Filmes, 2003. 90", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs>. Acesso em: 26 ago. 2016.

PAULO Freire: educar para transformar. Direção: Tânia Quaresma. Mercado Cultural, 2005. 28'44", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WJryIAcbRRE>. Acesso em: 26 ago. 2016.

POBREZA no Brasil. Caminhos da Reportagem. Reportagem: Fernanda Isidoro. TV Brasil, 2011. 53'41", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkEYL7L4tuI>. Acesso em: 26 ago. 2016.

POLÍTICAS de saúde no Brasil: um século de luta pelo direito à saúde. Realização: Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Ministério da Saúde, Opas, UFF. 60", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mASmxCU0nIE>. Acesso em: 26 ago. 2016.

SÉRIE SUS – Os princípios do SUS. Realização: Mayara Floss. Edição para o curso EdPop-SUS 2 de vídeos da Série SUS. 5'11", color., son. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Am1eV5NNKJI&feature=em-upload\\_owner](https://www.youtube.com/watch?v=Am1eV5NNKJI&feature=em-upload_owner). Acesso em: 26 ago. 2016.

UTOPIA e barbárie. Direção: Sílvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban, 2009. 120", color., son. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cn9li\\_NePro](https://www.youtube.com/watch?v=cn9li_NePro). Acesso em: 26 ago. 2016.

VANETE Almeida. Entrevista para o documentário "Eu maior". Direção: Fernando Schultz e Paulo Schultz. São Paulo: Dobem e Catalisadora Audiovisual, 2012. 5'14", color., son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n5rAkF4HXug>. Acesso em: 26 ago. 2016.

---

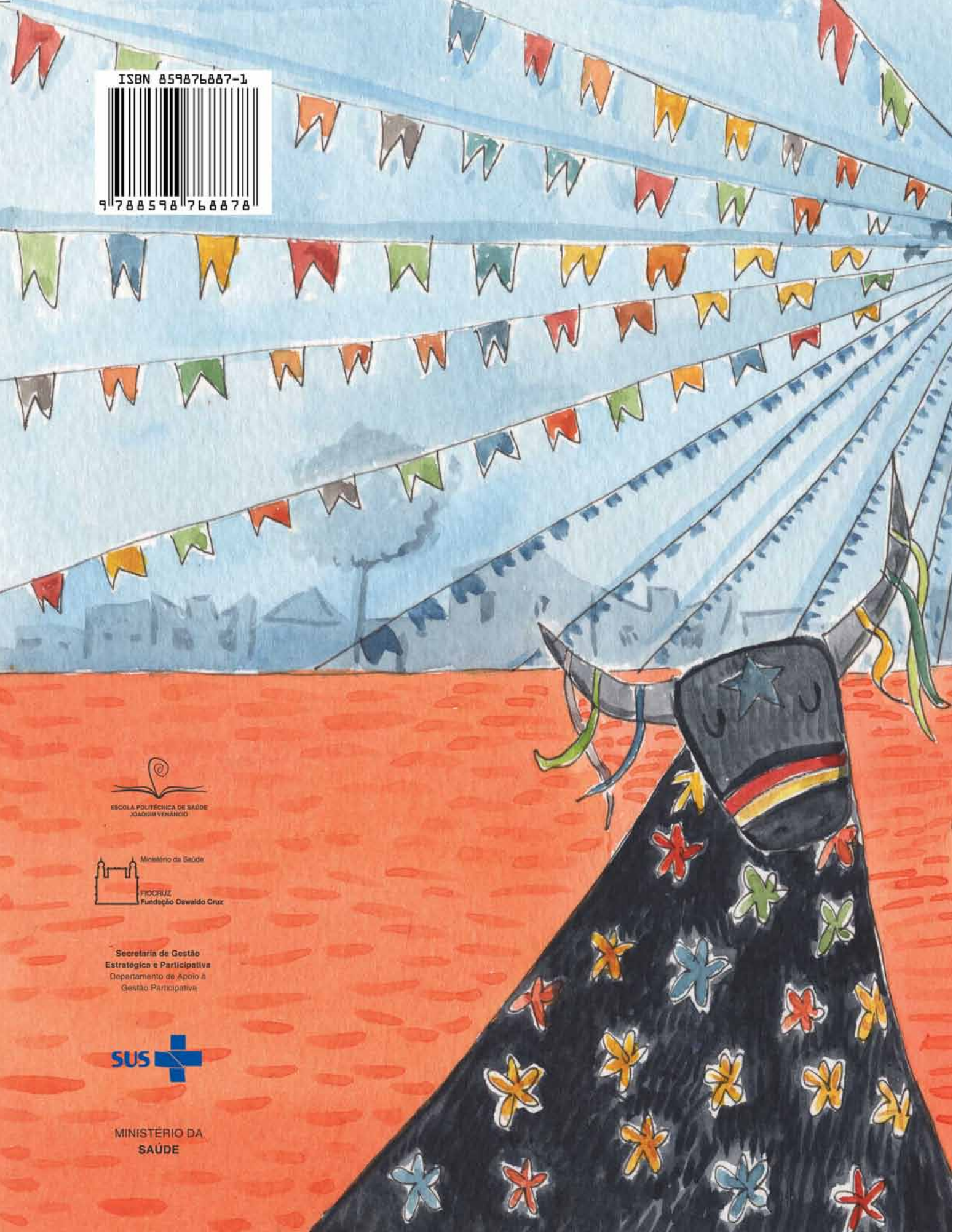
Este livro foi impresso pela WalPrint Gráfica e Editora, para Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz, em outubro de 2016. Utilizaram-se as fontes Lido STF CE e Handlee na composição, papel Offset LD 90g/m<sup>2</sup> para o miolo e Triplex LD 250 g/m<sup>2</sup> para a capa.



ISBN 859876887-1



9 788598 768878



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO



Ministério da Saúde

FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz

Secretaria de Gestão  
Estratégica e Participativa  
Departamento de Apoio à  
Gestão Participativa



MINISTÉRIO DA  
SAÚDE